



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

LICENCIATURA EM LETRAS: LÍNGUA PORTUGUESA/ LÍNGUA  
INGLESA/ LIBRAS

**ELMA DE SOUSA SANTOS**

**LITERATURA DE CORDEL E MOTIVAÇÃO: A VIDA EM  
*POESIA QUE TRANSFORMA* DE BRÁULIO BESSA**

Amargosa-BA

2021

**ELMA DE SOUSA SANTOS**

**LITERATURA DE CORDEL E MOTIVAÇÃO: A VIDA EM  
*POESIA QUE TRANSFORMA* DE BRÁULIO BESSA**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de licenciada em Letras: Língua Portuguesa/ Libras no Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Orientador (a): Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mônica Gomes da Silva.

Amargosa-BA

2021

## FOLHA DE APROVAÇÃO

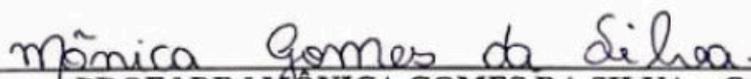
ELMA DE SOUSA SANTOS

### LITERATURA DE CORDEL E MOTIVAÇÃO: A VIDA EM POESIA QUE TRANSFORMA DE BRÁULIO BESSA

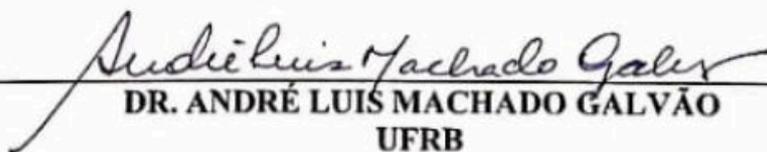
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras-Português, pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, *campus* Centro de Formação de Professores, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Letras à seguinte banca examinadora.

Aprovada em 25/05/2021

#### Banca Examinadora



PROF.<sup>a</sup> DR.<sup>a</sup> MÔNICA GOMES DA SILVA – Orientadora  
UFRB



DR. ANDRÉ LUIS MACHADO GALVÃO  
UFRB



PROF. DR. TARCÍSIO FERNANDES CORDEIRO  
UFRB

## **AGRADECIMENTOS**

É chegada a hora de finalizar mais uma etapa dessa caminhada, não só acadêmica, mas também de vida... Foram muitos dias percorridos até chegar aqui alegrias, tristezas, desânimo, vontade de jogar os papéis pro alto e sair correndo sem olhar para trás.

Mas, é sempre válido lembrar que: "a fé nunca costuma faia" e aqui estou eu...lutando e sendo perseverante na fé que me sustentou e sustenta a cada dia. Então rendo e dou graças a Deus por ter me concedido a oportunidade de chegar até aqui.

Agradeço à minha família por todo carinho e cuidado durante esse período, mas de uma forma muito especial a minha mãe, companheira de luta, parceira na espera do transporte e vigilante das minhas chegadas tarde da noite ao final de cada dia de aula. Ao meu pai e meu irmão, também, parceiros nessa luta diária. A Maraísa, Mara, minha dupla, minha metade, minha amiga, minha parceira de várias lutas. Que faltam palavras para descrever o quão importante foi e é em minha vida, e por ter sido fortaleza para mim.

À Simone Porcino, uma pessoa que acabei conhecendo por causa da universidade e que se tornou uma amiga muito especial, sempre muito prestativa em todos os âmbitos e sempre me socorrendo quando as letras pareciam se embaralhar. Enfim, a todos os meus amigos e amigas que me fortaleceram e foram luz nos dias mais nublados e alegres o meu agradecimento.

À minha orientadora Mônica Gomes, agradeço de forma especial pela paciência, pela prestatividade, por todo auxílio a mim direcionado, com certeza ela também é merecedora de muitos créditos.

Por fim, GRATIDÃO a todos que fizeram e estão fazendo parte desta conquista.

## RESUMO

Esta monografia propõe um estudo do livro *Poesia que transforma* (2018) de Bráulio Bessa (1985), especialmente, a relação entre motivação e leitura. Inicialmente, são revisados os conceitos de literatura e de constituição e formação do leitor literário através dos estudos de Terry Eagleton (2006), Tzvetan Todorov (2009) e Vincent Jouve (2002), entre outros que abordam a importância da leitura literária. A monografia se volta para a especificidade da literatura de cordel. Nesse sentido, destaca-se o contexto histórico do gênero, seu percurso até chegar ao Brasil e o desenvolvimento no Nordeste, bem como a relação que o leitor de cordel tem com este gênero literário. Para tanto, são consultados os trabalhos de Manuel Diégues Júnior (1973), Márcia Abreu (2004, 2006), Ulpiano T. Bezerra de Meneses (2019), além de repositórios institucionais voltados para o tema. E, por fim, de acordo com o referencial teórico abordado, procede-se à análise da obra *Poesia que transforma*, estabelecendo um *corpus* de poemas que mais corroboram a importância da leitura literária, como fonte de motivação e transformação subjetiva. Motivação que ocorre, justamente, pelo fato do leitor reconhecer nas narrativas fatos e/ou situações recorrentes no seu cotidiano que aflora a capacidade humanizadora do texto literário.

**Palavras-chave:** Bráulio Bessa; cordel; literatura; leitura; *Poesia que transforma*.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>2 CONSIDERAÇÕES EM TORNO DO CONCEITO DE LITERATURA E DO LEITOR DE LITERATURA.....</b>	<b>09</b>
2.1 Literatura, leitura e motivação.....	16
<b>3 A LITERATURA DE CORDEL.....</b>	<b>23</b>
3.1 O leitor de cordel.....	29
<b>4 LITERATURA DE CORDEL E MOTIVAÇÃO: A VIDA EM <i>POESIA QUE TRANSFORMA</i> .....</b>	<b>33</b>
4.1 Bráulio Bessa .....	33
4.2 Poesia que transforma.....	35
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>51</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A literatura de cordel é um gênero literário que se propagou e propaga com muita facilidade por trazer consigo temáticas bem envolventes e de fácil absorção por seus leitores. Percebendo alguns destes aspectos na obra *Poesia que transforma* (2018) de Bráulio Bessa (1985), decidi analisar alguns poemas e verificar a forma como ele suscitava essa motivação em seus leitores. O poeta tem como principal característica a retomada da tradição cordelista para a sua criação poética, valorizando a cultura nordestina neste início de século, alcançando expressivo sucesso editorial. Desse modo, abordei o conceito de literatura, leitor literário e cordel para chegar ao tema da motivação na poesia do autor cearense.

Na seção dois, iniciei os estudos sobre o conceito de literatura conforme a proposta de Terry Eagleton (2006) e Tzvetan Todorov (2009). Ambos, apesar de divergirem em alguns pontos, se assemelham ao indicar que a literatura tem uma ligação direta com o contexto social em que os indivíduos estão inseridos, como um dos fatores principais para as diferentes compreensões e avaliações do texto literário.

Na sequência, voltei-me para a relação entre literatura, leitura e motivação do leitor literário. Considerando estes três aspectos, percebemos que a motivação passa pela capacidade de a literatura possibilitar, ao leitor, uma amplitude interpretativa, desenvolvendo o autoconhecimento e a (re)afirmação de valores. Em sua obra, Bessa se vale dos múltiplos recursos da literatura, com destaque significativo para a motivação que ocorre, justamente, porque o autor desenvolve o reconhecimento, a humanização dentro de suas narrativas, levando ao leitor uma reflexão dos fatos à sua volta.

Na seção três, é realizado um estudo do cordel com o objetivo de apresentar um pouco do seu contexto histórico, desde seu início na Península Ibérica até sua chegada ao Brasil e à Região Nordeste, suas formas de publicação e divulgação, as temáticas abordadas e a estrutura destes textos, os primeiros escritores de cordéis e as influências literárias que ajudaram a formar a literatura de cordel. Passamos ao perfil abrangente do leitor de cordel que, segundo Márcia Abreu (2004), é formado tanto por pessoas simples, sem conhecimento literário profundo, até leitores experientes e de repertório mais variado. Destaca-se a

oralidade como um fator muito importante na compreensão do cordel, tornando-se um elemento principal para a pesquisa, pois esta característica ajuda a compreender a relação tão especial e próxima com os seus leitores.

Na seção quatro, é realizada a análise de poemas da obra de Bráulio Bessa, *Poesia que transforma*. Busquei destacar os poemas que têm como tema as transformações e as motivações que devemos ter em nossas vidas, mesmo com os momentos difíceis. Através de sua poesia, Bráulio Bessa quer que nós leitores, deixemos de ser e estar tão desacreditados com a vida, que passemos a olhá-la com mais atenção e carinho, aproveitando cada fase. Contudo, sem perder de vista nossas percepções reais das coisas que constituem o nosso cotidiano.

Em suma, comprovamos com o estudo do cordel, como o poeta cearense estabelece um projeto estético que valoriza a oralidade na produção poética, retoma a tradição cultural nordestina e desenvolve temáticas sobre o cotidiano contemporâneo resultando em uma motivação, tanto de leitura, quanto de reflexão da vida, em seus leitores.

## 2 CONSIDERAÇÕES EM TORNO DO CONCEITO DE LITERATURA E DO LEITOR DE LITERATURA

A literatura pode muito. [...] Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para a alma; porém revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. *A literatura tem um papel vital a cumprir* (TODOROV, 2009, p. 76, *grifos nossos*).

Nesta seção propomos uma abordagem do conceito de literatura a partir de suas características mais gerais a fim de estabelecer uma relação com a literatura de cordel, um de nossos principais objetos de estudo. Para a reflexão almejada, partimos da conceituação proposta por Terry Eagleton e Tzvetan Todorov sobre a literatura, considerando que ela não é uma entidade fixa (EAGLETON, 2006) e que possui um papel relevante na formação subjetiva dos indivíduos (TODOROV, 2009). Ampliamos nosso estudo ao tratar da imagem do "leitor comum", destacando um pouco de sua atuação no processo de leitura, principalmente, de obras literárias.

No capítulo "O que é literatura?", Terry Eagleton apresenta um panorama dos principais conceitos difundidos a respeito da literatura, indo no sentido de desmistificar a ideia de literatura como produto de consumo de uma sociedade elitista. Em sua explanação inicial, Eagleton (2006) analisa uma das primeiras conceituações dada à literatura "como a escrita 'imaginativa', no sentido de ficção – escrita esta que não é literalmente verídica" (EAGLETON, 2006, p. 1), voltada para as construções elaboradas psiquicamente, ou seja, as visões construídas por cada indivíduo em seu interior, agindo para instigar a imaginação e os sentidos do leitor.

Em complemento a essa discussão, ele aborda a diferença entre "fato" e "ficção" como passível de muitas interpretações e questionamentos. A título de exemplo, o autor menciona uma palavra que obteve duplo sentido de abrangência: "No inglês de fins do século XVI e princípios do século XVII, a palavra 'novel' foi usada, ao que parece, tanto para os acontecimentos reais quanto para os fictícios..." (EAGLETON, 2006, p. 2). Assim, ao início do século XVII, os romances e notícias se apresentavam de forma a não deixar explícito sua real aparência, levando seus leitores a divergirem no reconhecimento do fato apresentado, tendo

alguns, ideia de um fato verídico e outros de uma ficção. Haveria, assim, uma correlação entre ambas, sem implicar em menosprezo pelas particularidades uma da outra.

O autor nos apresenta, como segundo conceito, "o uso da linguagem de forma peculiar" (EAGLETON, 2006, p. 3), isto é, a utilização da linguagem comum de forma intensa, distinguindo-a da linguagem falada, conforme investigou os formalistas russos. Para Roman Jakobson, principal representante dessa escola teórica, o discurso literário proferido seria reconhecido facilmente devido à sua organização e disposição particular das palavras, atraindo espectadores por seu ritmo na pronúncia. Destaca-se a maneira como as palavras são utilizadas num discurso e sua compreensão pelo receptor:

À crítica caberia dissociar arte e mistério e preocupar-se com a maneira pela qual os textos literários funcionavam na prática: a literatura não era uma pseudo-religião, ou psicologia, ou sociologia, mas uma organização particular da linguagem. Tinha suas leis específicas, suas estruturas e mecanismos, que deviam ser estudados em si, e não reduzidos a alguma outra coisa. A obra literária não era um veículo de idéias, nem uma reflexão sobre a realidade social, nem a encarnação de uma verdade transcendental: era um fato material, cujo funcionamento podia ser analisado mais ou menos como se examina uma máquina. Era feita de palavras, não de objetos ou sentimentos, sendo um erro considerá-la como a expressão do pensamento de um autor (EAGLETON, 2006, p. 16).

Intensificando os debates, os formalistas vieram, justamente, para analisar a estrutura dos textos literários e a forma como a linguística agia neste contexto, já que ela investigava tais feitos nos textos em geral. Os formalistas foram controversos aos ideais empregados anteriormente, eles priorizavam a forma sem apegar-se ao conteúdo no primeiro momento. Posteriormente, eles notaram que os "artifícios literários" interligados complementavam-se e desempenhavam funções importantes na construção do texto atribuindo-lhe sentido.

Ao mesclar a sonoridade, a imagem, o ritmo, a rima e os demais "artifícios", a linguagem literária guardaria pontos de contato com a linguagem comum, utilizando-se de elementos rotineiros até então deixados de lado, incrementando-os de forma a torná-los novos e com significados perceptíveis. Esse agrupamento no fazer literário, em que os elementos desgastados ganham nova vida a cada

produção fazem o leitor vivenciar os fatos narrados de forma mais íntima, fazendo-o experimentar uma vivência independente de sua classe social:

Os formalistas, portanto, consideravam a linguagem literária como um conjunto de desvios da norma, uma espécie de violência linguística: a literatura é uma forma "especial" de linguagem, em contraste com a linguagem "comum", que usamos habitualmente (EAGLETON, 2006, p. 6-7).

Vale destacar que os formalistas russos apontaram o contexto social ou histórico como fatores a serem considerados ao se ter contato com um texto. Pois, dependendo do período e do grau de instrução do leitor, o texto poderia ser compreendido como algo normal, uma obra literária ou, simplesmente, despertar um ar de "estranheza" diante do escrito. E mesmo despertando essa aversão, eles destacaram este fenômeno como algo recorrente e passível de mudanças.

Eagleton destaca que o discurso literário também sofreria desgaste caso seus artifícios fossem usados diariamente e em ambientes externos a sua origem. Por outro lado, há ênfase na importância do contexto como principal fator a ser levado em conta quando se fala de literário ou não literário, para alguns exemplos. Desse modo, destaca-se que análise linguística estrita não seria suficiente para a identificação de função exercida por um discurso.

Ao pôr em questão a literatura como desvio da linguagem comum, Eagleton observa que os formalistas não conseguiram uma tese para sustentar tal argumento, já que não haveria uma regra específica para designar tal ação. Ele deu evidência à linguagem comum como particular de grupos e contextos, considerando vários fatores externos ao ambiente. Salienta, também, que o estranhamento causado por um texto literário em determinado período, em outro teria uma recepção, totalmente diferente a partir do olhar do leitor. A literatura não apresentaria mensagens imediatas, como outras áreas de estudo, mas de cunho geral, nascendo e transformando-se ao longo do percurso adequando-se às percepções do leitor através de seus conhecimentos e do contexto situacional.

Considerando o "contexto" como um dos elementos principais para compreensão do conceito de "literatura", Eagleton utiliza como exemplo: frases, textos que nos levam a várias interpretações conforme o contexto, refletindo também sobre a abrangência das características pragmáticas. Assim como em outras áreas de estudo, o contexto desempenha um papel de grande relevância

para construção e compreensão do texto e da mensagem a ser transmitida. Na área literária essa abordagem ocorre de maneira diferenciada, pois a literatura abordará as coisas em sentido geral, sem ampliar seus planos, ou seja, suas mensagens exigiram um pouco além das reações imediatas, necessitando de um olhar mais minucioso, atento para compreensão do fato apresentado.

Prosseguindo, Terry Eagleton nos aponta que outro fator a ser considerado nos textos literários, "em grande parte daquilo que é classificado como literatura, o valor verídico e a relevância prática do que é dito é considerado importante para o efeito geral" (EAGLETON, 2006, p. 12), contrariando o que foi dito inicialmente. Mas, ao mesmo tempo reforçando que o discurso não-pragmático faz parte da essência literária, ao mesmo tempo que sua definição não é algo objetivo, ficando a critério do leitor defini-la. No entanto, o papel desempenhado pelas obras consideradas literárias ao longo do tempo também foi objeto de observação, pois o autor destaca que: "Alguns textos nascem literários, outros atingem a condição de literários, e a outros tal condição é imposta" (EAGLETON, 2006, p. 13), observando, ao longo de sua trajetória, a interpretação concebida pelo leitor.

A definição de literatura como uma escrita altamente valorizada foi criticada por Eagleton que, por sua vez, utilizou termos da área da botânica para exemplificar sua posição. Ele utilizou a palavra "mato" para referenciar o conceito de "literatura", salientando que a primeira no meio do jardim seria considerada inútil e sem funcionalidade, descartada e jogada de lado pelo jardineiro; a segunda ao contrário, apresentaria um contexto bem diferente, mesmo sendo uma escrita aleatória por razões quaisquer poderia sim, ser valorizada. Essa valorização estaria associada ao contexto social ao qual estava inserido(a), apresentando comportamentos diversos em um mesmo local.

Nesse processo de conceituação, os julgamentos de valor estavam presentes, pois ambos estão sujeitos a mudanças e variações ocorridas ao longo do tempo, seguindo alguns critérios específicos: "Os 'julgamentos de valor' atribuídos aos textos e obras literárias, destacam que, nem toda escrita considerada como 'bela escrita' é de fato respeitada e admirada no meio". E para enfatizar ele fala que: "Os tempos se modificam, os valores, não" (EAGLETON, 2006, p. 29), com isso o papel e ou função de um texto publicado em um determinado período podem apresentar valores significativos diferentes em outros,

mesmo que sua escrita tenha sido concebida com objetivo específico no período de sua publicação.

Todas essas mudanças e percepções são provocadas graças ao papel do leitor que, a partir de sua leitura e de seus conhecimentos prévios, atribui qualidades, destacando os pontos relevantes das obras, classificando-as como boas ou ruins, sinalizando suas contribuições para sua transformação pessoal e também de forma coletiva com outros indivíduos. Como prova disso, vemos o autor destacar que:

Todas as obras literárias, em outras palavras, são "reescritas", mesmo que inconscientemente, pelas sociedades que as lêem; na verdade, não há releitura de uma obra que não seja também uma "reescrita". (EAGLETON, 2006, p. 31).

Porém, nossa concepção de valores é passível de repressões quando exposta em sociedade, ou seja, uma obra literária é compreendida a partir das leituras, crenças de cada leitor, pois as ideologias carregadas por cada indivíduo são únicas e podem ser compartilhadas, mas nunca igualadas. Este "valor" explicitado pelo autor volta-se para as coisas valiosas, levando em conta as situações específicas, ressaltando que a seleção do objeto julgado valioso é modificável e não leva em conta o tamanho. Mesmo grandes autores, como, por exemplo, William Shakespeare, passam por ressignificações sofrendo julgamentos a partir das concepções e instruções de cada leitor, reescrevendo, recontando e até fazendo críticas de acordo a sua interpretação.

Eagleton (2006) nos fala que, mesmo com tantas tentativas de conceituar a literatura, não podemos apontá-la como objetiva e descritiva e que os juízos de valor que a compõem são variáveis e mantêm uma interligação com as ideologias sociais, considerando o poder que grupos sociais mantêm um sobre o outro.

Fazendo estes apontamentos e contribuindo para a melhor compreensão do conceito e abrangência da "literatura" e dos aspectos que ela pode exercer sobre o indivíduo e sobre a sociedade, Tzvetan Todorov, na obra *A literatura em perigo* (2009), nos leva a refletir sobre o papel exercido pela literatura na vida do indivíduo.

Todorov usou a sua própria experiência acadêmica e sua imersão nesse mundo para demonstrar algumas características bem particulares da literatura, os lugares que ela poderia levá-lo e as sensações que ela despertava. Até chegar a

estas conclusões, foi um longo período de estudos, mas ao observar o ponto máximo, ele compreendeu a mensagem que a literatura pôde e poderá exercer em nossas vidas.

Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração a pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano. (TODOROV, 2009, pp. 23-24).

Além disso, ele mostrou-se preocupado com a forma que a literatura passou a ser ministrada e exposta para jovens, pois em muitos casos sua essência verdadeira deixou de ser transmitida como espaço para uma visão mais crítica. O que se via era a abordagem de pontos como o estudo do gênero do texto e de aspectos ligados aos personagens, deixando de lado as reflexões mais profundas.

Para evidenciar as proporções que a literatura poderia e pode atingir, ele usou como exemplo John Stuart Mill, apresentando os feitos literários em sua vida. Após passar por um período de intensa depressão, fazer uso de diversos remédios e não obter resultados, viu sua vida mudar através de um livro de Wordsworth, pois, a partir da leitura do versos, ele se sentiu imerso naquele mundo, contemplado pela beleza das palavras sem desconsiderar o mundo exterior. Mais à frente, Todorov (2009) conta a história de Charlotte Delbo, cujas experiências de encarceramento, primeiro num presídio de Paris, depois no campo de concentração de Auschwitz, a permitiram encontrar respostas e apoio físico e psicológico nas obras literárias que conseguia de forma clandestina, evidenciando que, para sua chegada a esta fase de autoconhecimento outros processos foram vividos, principalmente, os de cunho doloroso. Além disso, não podemos esquecer das pessoas e ou personagens que atuaram direta ou indiretamente no processo. A partir desse auxílio, ela passou a conhecer novas perspectivas e essas descobertas a possibilitaram vivenciar sensações de preenchimento interior e alívio da solidão, pois ela mergulhava por inteiro na história narrada. As histórias e os personagens aparecem como dignos de sua confiança, totalmente, distintos da realidade do mundo exterior:

Delbo sofre para voltar à vida: a luz cegante de Auschwitz varreu toda solidão, proibiu toda imaginação declarou falsos os rostos e os livros... Charlotte Delbo descobre que as personagens dos livros podem se tornar companheiras confiáveis. “As criaturas do poeta”, ela escreve, “são mais verdadeiras que as criaturas de carne e osso, porque são inesgotáveis” (TODOROV, 2009, p. 75).

Como as pessoas citadas, anteriormente, Todorov também expõe suas vivências através da literatura, salientando o papel que ela tem de transformar nossa condição enquanto indivíduos, nos tirando da mais profunda tristeza e levando-nos a viver dias de muita alegria. A literatura desperta nossos olhares para uma compreensão mais ampla e profunda do mundo, das coisas e pessoas que nos cercam. Sendo comum o leitor buscar nas obras artifícios que representem ou prendam sua atenção levando-o a repensar suas vivências, como na filosofia e ciências humanas, uma vez que “a literatura é pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social em que vivemos” (TODOROV, 2009, p. 39).

Para distinguir a literatura de outras áreas de conhecimento, Todorov propõe que, na filosofia, os escritos serão compreendidos de forma ampla por aqueles que carregam um conhecimento filosófico e ao apresentar tais escritos ao leitor comum ele não conseguirá criar argumentos com bases conclusivas, que lhes permita fazer uma compreensão, ressignificação dos fatos a partir de suas vivências. A literatura, por sua vez, apresenta seus textos de forma sutil, permitindo ao leitor um leque variado de interpretações a partir de um determinado fato sem fazer uso de imposições.

Enfatizando ainda mais este tema Todorov (2009) utilizou ideias defendidas pelo filósofo americano Richard Rorty, ao qual dá destaque para a leitura dos romances como capazes de levar o leitor a repensar seus instintos interiores quando em contato com um personagem ou proporcionar uma amplitude e desbravamento das inquietudes do nosso interior.

O que o romance nos dá não é um novo saber, mas uma nova capacidade de comunicação com seres diferentes de nós; nesse sentido, eles participam mais da moral do que da ciência. O horizonte último dessa experiência não é a verdade, mas o amor, forma suprema de ligação humana (TODOROV, 2009, p. 81).

Ou seja, Todorov nos apresentou a literatura como algo transformador, capaz de levar seu leitor à descoberta dos sentimentos, sensações inexplicáveis. E para demonstrar isso trouxe exemplos de indivíduos da sociedade e argumentos que levam à concretização de sua teoria, aliando o pensamento do indivíduo e a sociedade. Ele nos apresenta o perfil do leitor profissional e do não profissional destacando suas particularidades e as oportunidades que a eles poderiam ser dadas para lograr novos conhecimentos através da leitura.

Ele destaca que ao realizar uma leitura o indivíduo não está em busca de um conhecimento desbravador capaz de torná-lo indomável, mas buscar significados para compreender as coisas em seu entorno, sua existência e também compreender seu interior. Destaca, também, a relação estabelecida com o mundo, pois é através destes elementos que se cria um elo de fortalecimento entre autor e leitor. Todorov deixa seus leitores cientes de que a literatura está dissolvida nos mais variados assuntos que permeiam e fazem parte do nosso cotidiano e não devemos separá-la da política, religião e da moral.

Portanto, tanto Eagleton, quanto Todorov, em suas abordagens na busca da conceituação de “literatura” apontaram vários elementos como pertencentes a este processo e um dos mais evidentes e destacados, pelos autores, foi o contexto social em que os indivíduos e/ou leitores estão inseridos. Salienta-se que os autores de textos ou obras literárias exerciam e exercem um papel importante quando traz a realidade para a obra. Faz o leitor sentir representado, reconhecido e o leva à compreensão do seu meio e dos comportamentos.

Para a conhecermos melhor a importância da figura do leitor, faremos uma breve recapitulação, partindo da denominação de "leitor comum" formulada por Todorov, apontaremos os pontos mais relevantes de sua constituição.

## **2.1 Literatura, leitura e motivação**

Ler, pois, é uma viagem, uma entrada insólita em outra dimensão que, na maioria das vezes, enriquece a experiência: o leitor que, num primeiro tempo, deixa a realidade para o universo fictício, num segundo tempo volta ao real, nutrido de ficção (JOUVE, 2002, p. 109).

A “leitura literária” é uma área muito propícia para trabalharmos a falta de motivação por parte de alguns leitores, não desqualificando a importância das

outras escritas, mas a literatura, através dos diversos artifícios que vimos acima, desperta no leitor uma identificação, um interesse e uma liberdade de interpretação: “A leitura literária é uma experiência intensa que se distingue de outras formas de leitura possíveis, por não ter a informação como fim e objetivo de sua experiência” (ALMEIDA, 2014, p. 144).

Ou seja, o texto literário quebra padrões e se utiliza da sonoridade, trocadilhos e figuras de linguagem, havendo um jogo de palavras, permitindo assim interpretações múltiplas, o que leva sua abrangência a superar o número de leitores pensado inicialmente. Sem contar que esses textos contribuem, ativamente, para reformulações sobre atos e pensamentos da vida. Como nos fala Onici Claro Flores:

O texto literário, mesmo apresentando pessoas e fatos fictícios, fala de coisas verdadeiras. O nosso envolvimento como leitores — ou como receptores, quando se trata da arte em geral — dar-se-á na medida da presença, no texto, de algum elemento familiar com que nos identificamos. O estranhamento poderá ocorrer, mas estará sempre ligado a algum dado já conhecido. A obra literária nos engaja, faz rir, ou chorar, quando reinventa o vivido, de um novo jeito, que diz/contradiz nossas vivências, mas permite o diálogo entre leitor e texto (FLORES, 2001, p. 39).

A bagagem de conhecimento carregada por cada leitor e sua familiarização com o ambiente literário proporciona grandes ganhos para a sua leitura. Sem contar que a motivação, a diversidade e complexidade de temáticas, a capacidade de permitir ao leitor ver sua vida narrada naquele texto proporciona o êxito da leitura e o instiga na procura de textos semelhantes. Esses atributos fazem com que o texto literário ganhe vantagem frente aos outros.

E quanto mais recente for o leitor e ou obra ou texto, mais relevantes e satisfatórios serão os ganhos, absorção de conhecimento, pois não requer do leitor uma reconstrução cronológica mais profunda do período em que ocorreram os fatos narrados. A distância temporal faz necessário o uso de outros artifícios para que o leitor compreenda, absorva o conteúdo apresentado, levando assim a um desgaste e quebra de interesse pelo assunto em alguns casos.

Silvério da Costa Oliveira (2018), em seu trabalho “O que o leitor lê”, exemplifica três tipos de leitores e aponta os elementos que os diferenciam. Seriam eles: o leitor pesquisador, o acadêmico e o comum. Todos os três, citados por Silvério, têm em comum o gosto pela leitura, porém com critérios de escolhas

divergentes. O *pesquisador* será minucioso na escolha de seus materiais de leitura, analisará todas as informações disponíveis em um livro antes de tomá-lo como referencial teórico de seus trabalhos. O *acadêmico* atuará, geralmente, na avaliação de trabalhos monográficos e outros que englobam esta área, sua função irá girar em torno desta perspectiva e seu ritmo de leitura seguirá a ordem dos fatos, ele terá liberdade para tecer críticas e contribuições acerca do trabalho apresentado. E, por fim, o leitor comum, totalmente diverso dos outros dois, deixa um pouco de lado os critérios analisados por eles e se atém às finalidades propostas por seu texto. Este por sua vez é despretenso, faz a leitura buscando o próprio prazer e autoconhecimento, não tendo pretensões e/ou a atribuição de compartilhar críticas.

Enfatizando o leitor comum, notamos que ao mergulhar numa leitura ele passa a permitir que seu lado imaginário aflore, desprendendo-o do mundo real e de situações desagradáveis, concedendo uma nova oportunidade de vivência. Ou seja, ler é ousar sair do cômodo, é submergir em outro mundo, é abrir espaço para o inconsciente tornar-se presente em seu corpo. Como destaca Jouve (2002):

A leitura é portanto, ao mesmo tempo, uma experiência de libertação (“desengaja-se” da realidade) e de preenchimento (suscita-se imaginariamente, a partir de signos do texto, um universo marcado por seu próprio imaginário). (JOUVE, 2002, p. 107).

Ao fazer esse mergulho entre o real e o imaginário, o leitor se abre a novas vivências a partir dessa relação proximal estabelecida entre ele e o personagem. Novas percepções são assimiladas e há transmissão de ideias geradas no psíquico. Assim, o ato da leitura “é desterritorializar: deixar passar pelo corpo os fluxos, as tendências inconscientes, as palavras de ordem que caracterizam o livro como ordenação” (ABRAHAM, 1983, p. 94 *apud* JOUVE, 2002, p. 109). Jouve, ao retomar o estudo de Michel Picard, aborda o jogo presente na leitura literária através do “*playing*” e do “*game*”:

O *playing* é um termo genérico para todos os jogos de representação ou de simulacro, fundamentados na identificação com uma figura imaginária. O *game*, por sua vez, remete aos jogos de tipo reflexivo, precisando de saber, inteligência e sentido estratégico (tais, por exemplo, o *go* ou o xadrez. Enquanto o estatuto objetivo do *game* permite o distanciamento, o *playing* enraíza-se no imaginário do sujeito. (JOUVE, 2002, pp. 111-112).

A partir dessas premissas o autor vem nos evidenciar que a leitura, assim como os jogos são norteados por regras e tais regras vão exigir tanto do jogador, quanto do leitor um envolvimento com o contexto do momento, direta ou indiretamente, respeitando as condicionalidades impostas ao longo do jogo ou leitura. Realçando estes dois pontos na leitura, sua ocorrência soa tão naturalmente, que não temos espaço pra seguir um ritmo sequencial obrigatório, os códigos e artifícios utilizados se harmonizam e a identificação com uma figura imaginária, as reflexões, as estratégias de compreensão ocorrem naturalmente.

Essa aproximação do leitor com o texto faz com que ele embarque e sintase íntimo dos fatos narrados, como destaca Jouve (2002, p. 114): “A leitura permite viajar no tempo”, ou seja, nos permite adentrar, refletir, vivenciar mesmo que de forma indireta um pouco dos fatos narrados. Com isso, somos levados a uma nova reflexão dos fatos destacando a “*regrediência*”. Segundo Jouve, a partir do momento em que o leitor imerge na leitura seu inconsciente inicia um trabalho de lembranças, sonhos levando-o de volta ao passado. Intensificando sua reflexão, ele salienta:

No sujeito ativo e acordado, as impulsões psíquicas vão do exterior (o mundo) para o interior (o aparelho psíquico onde as percepções vêm se imprimir): tal trajeto é chamado de “*progrediente*”. Em contrapartida, no sonhador, as excitações têm sua origem no inconsciente do sujeito (são, desde o início, interiores ao aparelho psíquico) e acabam numa ilusão de exterioridade por meio da produção de imagens mentais: portanto estamos diante de um processo “*regridiente*” (JOUVE, 2002, p. 115).

Ainda seguindo este conceito da *regrediência*, Jouve distingue este processo no leitor e no espectador: eles não têm a mesma percepção sobre uma obra, já que “as representações imaginárias do primeiro devem compor um princípio de realidade muito menos exigente” (JOUVE, 2002, p. 116). Ou seja, o leitor estabelece uma relação muito próxima do personagem da obra, chegando a ocorrer uma imersão no personagem, e essa junção leitor/personagem dificilmente será substituída por uma representação fílmica. O que pode ocorrer é uma decepção com a adaptação fílmica da obra, pois toda aquela vivência e relação estabelecida e criada pelo leitor em seu interior, não terá o mesmo teor característico no cinema.

A influência exercida pelo texto sobre o leitor, por mais entediante que seja, sempre deixa um pouco de sua marca em quem o leu: "A leitura, portanto, no que concerne aos desafios performativos do texto, nunca é uma atividade neutra" (JOUVE, 2002, p. 125). E a partir desse aspecto o autor destaca os efeitos da obra sobre o leitor individual e coletivo:

O estudo do impacto global permite devolver ao texto sua dimensão ao texto sua dimensão cultural. O princípio é o seguinte: o leitor não é um indivíduo isolado no espaço social; a experiência transmitida pela leitura desenvolve um papel na evolução global da sociedade. Segundo Jaus, o impacto cultural da leitura pode assumir três formas distintas: transmissão da norma, criação da norma, ruptura da norma. A obra pode transmitir os valores dominantes de uma sociedade (literatura oficial ou estereotipada) ou legitimar novos valores (literatura didática e militante) ou ainda romper com os valores tradicionais renovando o horizonte de expectativas do público. (JOUVE, 2002, p.125).

A recepção e o efeito desses valores contidos nos textos ou obras também vão variar de indivíduo para indivíduo. E para enfatizar essas conclusões, Jouve destaca o "pólo artístico" e o "pólo estético", o primeiro fazendo referência ao texto produzido pelo autor e o segundo à concretização dos fatos pelo leitor após a leitura. Tomando por base estes aspectos, o autor deixa claro que a leitura terá fins comuns aos leitores, como também impressões particulares e variáveis a partir do que foi lido. Ambas as perspectivas, artística e estética, são de fundamental importância no desenvolvimento de narrativas, pois interliga as ideias iniciais do autor com artifícios que ele utiliza para atingir as finalidades idealizadas. Por isso: "A recepção subjetiva do leitor é condicionada pelo efeito objetivo do texto" (JOUVE, 2002, p. 127).

O *sentido* e a *significação* são elementos que atuam de maneira interligada no processo de leitura. Retomando Paul Ricœur (1969, p. 389), Vincent Jouve (2002, p. 128) assinala que "o sentido remete ao deciframento operado durante a leitura, enquanto a significação é o que vai mudar, graças a esse sentido, na existência do sujeito". A significação ocorre quando o leitor absorve a mensagem transmitida e a traz para sua vivência atribuindo seu toque pessoal, extraindo o que lhe é necessário, pois "Ver uma personagem dividir nossos valores tem algo de fundamentalmente tranquilizante" (JOUVE, 2002, p. 129).

Os significados obtidos, a partir de leitura, promovem mudanças intensas na vida do indivíduo, tornando a leitura uma experiência concreta. Essa significação fica mais evidente quando o leitor encontra na obra a realidade que eles creem, acreditam, se identificam e ou almejam para si. Por isso, destacamos um pouco desta relação de interligação:

Por meio da identificação com as personagens, é de fato a verdade de sua própria vida que o leitor está em condição de aprender: a leitura, ao fazê-lo atingir uma percepção mais clara de sua condição, permite-lhe entender-se melhor. (JOUVE, 2002, p. 136).

Um fato bem interessante exposto pelo autor é que o leitor tem a possibilidade de se redescobrir quando se defronta com leituras contrárias às suas vivências: “O interesse do texto lido não vem mais então daquilo que reconhecemos de nós mesmos nele, mas daquilo que aprendemos de nós mesmos nele” (JOUVE, 2002, p. 131). Somos moldados a lançar um olhar mais peculiar sobre o texto, o personagem, o que nos leva a um encontro íntimo de nós e aprimoramento de nossas construções interiores.

Jouve ao longo de seu estudo também explana diversos aspectos da relação do leitor com a obra ou texto, destacando que nem sempre o leitor terá boas impressões após a leitura, levando-o a ser influenciado ideologicamente. Com isso, ele destaca que:

Outro perigo está ligado ao investimento psicológico do leitor. A ligação que nos une a tal personagem pode ser tão exclusiva que somente seu destino narrativo acaba por nos interessar. Como o texto se dirige apenas à sua afetividade, o leitor vê então sua faculdade crítica anestesiada e abandona qualquer recuo. (JOUVE, 2002, p. 133).

Além de salientar o quanto o autor através de artifícios pode prender a atenção do leitor a ponto de deixá-lo atraído por situações que na sua vivência diária, ou seja, na sua realidade ao presenciá-la a definiria como um ato repulsivo. Este recuo como aponta o autor é provocado pela leitura, que o leva à percepção de outra opinião, mesmo havendo esta dualidade de opiniões, o leitor ao finalizar sua leitura terá mais consciência dos fatos narrados ao longo do texto. Ao despertar o reconhecimento do leitor, conseqüentemente, este terá um bom desenvolvimento.

Parece que, por meio da identificação com as personagens, é de fato a verdade de sua própria vida que o leitor está em condição de aprender: a leitura, ao fazê-lo atingir uma percepção mais clara de sua condição, permite-lhe entender-se melhor. (JOUVE, 2002, p. 136).

Essa identificação traz consolidações bem pertinentes, pois pode promover uma “ab-reação” ou “descarga emocional”, podendo proporcionar ao leitor o desvinculamento, superação ou um novo olhar diante de uma situação traumática.

A leitura literária apresenta particularidades que a distingue das outras formas de leitura, as quais Jouve destacou e explanou dando evidência a suas principais contribuições. A primeira seria a: “subversão *na conformidade*”, em que o texto literário nos permite vivenciar novas culturas e explorá-las ao máximo. A segunda “*eleição do sentido na polissemia*” é a parte que o leitor através do texto literário desenvolve múltiplas interpretações e identificações diante do conteúdo apresentado. A terceira: “*a modelização por uma experiência de realidade fictícia*” apresenta os fins pedagógicos do texto, nesta parte o texto estimularia o leitor a idealizar no seu imaginário uma situação que poderia viver na realidade. Com isso:

O sujeito adquire assim os benefícios de uma experiência que não teve que sentir concretamente. Basta-lhe substituir os elementos do mundo romanesco pelos seus equivalentes no seu mundo de referência. (JOUVE, 2002, p. 138).

A junção destes três aspectos permite ao leitor um olhar totalmente diferenciado perante ao texto literário, o que torna sua experiência com este bem proveitosa: “a leitura literária é, desses três modos, uma prática frutuosa da qual o sujeito sai transformado” (JOUVE, 2002, p. 138).

Evidenciando a leitura literária que, com sua peculiaridade, permite ao leitor uma multiplicidade de experiências, entre as quais devemos salientar a afirmação dos valores, o autoconhecimento e a capacidade ampliada de julgar os fatos do dia a dia com uma diversidade de significados.

### 3 A LITERATURA DE CORDEL

Assim como as demais literaturas, a literatura de cordel tem sua história e um longo caminho percorrido. A cada passo dados novos pilares foram sendo erguidos, barreiras territoriais ultrapassadas, novos escritores foram atraídos e leitores conquistados. O cordel se expandiu e vem se expandindo muito tornando-se popular nas diversas camadas sociais. Em importante estudo, Manuel Diégues Júnior (1973) realiza um panorama histórico, formal e temático dessa manifestação literária, indo à sua origem:

Os inícios da literatura de cordel estão ligados à divulgação de histórias tradicionais, narrativas de velhas épocas, que a memória popular foi conservando e transmitindo; são os chamados romances ou novelas de cavalaria, de amor, de narrativas de guerras ou viagens ou conquistas marítimas. Mas ao mesmo tempo, ou quase ao mesmo tempo, também começaram a aparecer, no mesmo tipo de poesia e apresentação, a descrição de fatos recentes, de acontecimentos sociais que prendiam a atenção da população. Antes que o jornal se espalhasse a literatura de cordel já era a fonte de informação [...] (DIÉGUES JÚNIOR, 1973, p. 5).

Provindo de Portugal, o nome literatura de cordel traz consigo este significado por serem expostos presos a barbantes nos locais vendidos. Ligada ao romanceiro popular e, também, ao romanceiro peninsular, chegou às terras nordestinas entre os séculos XVI ao XVII, por intermédio dos colonos portugueses. As influências romanescas não eram apenas lusitanas, houve traços de outras manifestações cordelistas europeias como, por exemplo, os romanceiros espanhóis.

Assim, vale destacar que o nome dado à literatura de cordel variou de uma região para outra. Na Espanha, eram os *pliegos sueltos* (folhas volantes). A influência ibérica foi presente na literatura de cordel em outros países da América Latina, como Peru e México. Nesses locais, assim como na Nicarágua e Argentina, circulava o *corrido*, com versos não só de feitos tradicionais, mas também de fatos corriqueiros do dia a dia, documentação e testemunho de fatos importantes (sem perder suas qualidades principais). Também foi instrumento muito usado pelos escritores da época, como por exemplo, o folclorista Vicente T. Mendonza no México. Ainda no México, tínhamos o *contrapunteo* que consistia

numa disputa entre cantadores ou poetas na qual eles cantavam e exultavam suas glórias e feitos, assemelhando-se aos desafios e pelejas (os repentes brasileiros).

Voltando ao *corrido*, esta modalidade conseguiu percorrer por vários gêneros e descreveu narrativas de cunho diverso considerando as influências regionais. Vários países utilizaram esse meio informativo/comunicativo, cada um fazendo adaptações a suas realidades, mas compartilhando de uma abordagem temática comum:

Na poesia popular venezolana [*sic*], tal como se observa em outros países, e igualmente no Brasil, registra-se a predominância de temas como o amor, a filosofia popular, as motivações religiosas, a informação, esta última, o registro dos fatos quotidianos, dos acontecimentos do momento, o registro acerca de figuras ou de atos recém-acontecidos. (DIÉGUES JÚNIOR, 1973, p. 8).

Não podemos deixar de mencionar que a influência lusitana foi de grande importância para formação do que hoje conhecemos como literatura de cordel. Por lá, as manifestações literárias se davam através das *folhas volantes* ou *folhas soltas*, impressões de forma bem simples e ao final comercializados em feiras, praças e romarias. Conforme identificam Ana Cristina Marinho e Hélder Pinheiro, o cordel teve sua forma fixada no século XX:

Na década de 1920, graças à atuação de João Martins de Athayde, as características gráficas do folhetos foram estabelecidas: 8 a 16 páginas, para as pelejas e poemas de circunstância; 24 a 56 páginas para os romances. Para a publicação de uma peleja de 16 páginas, por exemplo, eram necessárias apenas duas folhas de papel tamanho ofício. (MARINHO; PINHEIRO, 2012, pp. 25-26).

As temáticas mais registradas estavam ligadas a fatos históricos e à poesia erudita. Manuel Diégues Júnior salienta que uma das principais características da literatura de cordel, a oralidade, se deu, supostamente, por ser a população medieval portuguesa, em grande parte, analfabeta. Isso fez com que os poetas sentissem a necessidade de apresentar seus projetos, assim era comum encontrá-los declamando suas produções populares e ou eruditas em praças, feiras, grupos com leituras compartilhadas.

Os registros manuscritos ocorreram, ainda segundo Manuel Diégues Júnior, pelos eruditos e isso se deu por forte influência nos conventos onde se encontravam público propício a esta recepção. Diégues Júnior afirma que o

Nordeste foi uma região que teve aspectos bem propícios para a instalação da literatura de cordel. O convívio de portugueses e africanos se deu de forma efetiva e esta convivência proporcionou o compartilhamento das culturas, todos esses aspectos foram importantes: "[...] o próprio ambiente social oferecia condições que propiciavam o surgimento dessa forma de comunicação literária, a difusão da poesia popular através da cantorias em grupo e de forma escrita" (DIÉGUES JÚNIOR, 1973, p. 13).

Apresentando o termo “cordel” com um duplo sentido, o autor destaca que, em um primeiro momento, este estaria associado à escrita com o desenvolvimento dos folhetos escritos que eram divulgados em espaços específicos, como feiras e praças. A origem do cordel estaria ligada ao trovadorismo medieval da Península Ibérica, com contribuições de outros países como México, Argentina, Peru, etc., e as temáticas abordadas carregavam heranças da cultura africana, europeia, indígena, levando em consideração algumas manifestações culturais com a presença da oralidade, tais como:

[...] o aboio, as cantigas das lavadeiras, das farinhadas e outros trabalhadores do povo, os benditos dos penitentes e das renovações, as peças de reisado, maneiro-pau, maracatu, coco e outros folguedos, o repente ao som da viola, do pandeiro ou do ganzá, os folhetos, versos e romances que constituem o universo da literatura de cordel (MENESES, 2019, p. 228).

Ao ganhar espaço no Nordeste, o cordel se reinventou, deixou de lado as características do cordel português do período medieval, pegando um objeto e a partir deste esmiuçando vários outros que serviram de tema para os primeiros trabalhos dos quais serviram de inspiração para os outros que perduram até hoje, porém sofrendo transformações e galgando novos espaços.

As impressões, feitas a partir de 1821, impulsionaram ainda mais este movimento. Dentre os cordelistas que se destacaram, neste primeiro, momento temos: Leandro Gomes de Barros (19/11/1865 - 04/03/1918), um dos mais antigos, foi considerado o “Príncipe dos Poetas” e o fundador da Literatura de Cordel. Seus textos ganharam grande popularidade entre as camadas mais pobres da população: feirantes, cangaceiros, cantadores, vaqueiros entre outros. De acordo a Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABCL), um projeto viajante desenvolvido por Leandro propagou e levou a literatura a muitas pessoas e

lugares, além de ser fonte de estudo de outros escritores, a exemplo, de Ariano Suassuna.

Leandro Gomes de Barros deixou um acervo grandioso de folhetos escritos, e entre os mais lidos temos: *O Cachorro dos Mortos*; *Branca de Neve e o Soldado Guerreiro*; *Batalha de Oliveiros com Ferrabrás*; *Peleja de Riachão com o Diabo*; *História da Donzela Teodora*; *Juvenal e o Dragão*; *Antônio Silvino, o Rei dos Cangaceiros* e *O Boi Misterioso*.

Assim como Leandro Gomes de Barros, tivemos outros escritores que fizeram parte deste momento da literatura como Silvino Pirauá Lima (1848 - 1913), considerado, também, um dos pioneiros na escrita da literatura de cordel aqui no Brasil. Além de trabalhar com a escrita de cordéis, os quais tiveram bons êxitos, também usou suas habilidades de rápida percepção para a declamação de poemas no estilo de repente com o auxílio do violão.

Francisco das Chagas Batista (05/05/1882 - 26/01/1930), iniciou sua trajetória após a publicação da obra *Cantadores e poetas populares* (1929), obra que serviu como fonte de pesquisa para o desenvolvimento de várias habilidades do cordel que conhecemos hoje, considerado um dos primeiros editores de cordel, além de ter publicado várias outras obras ao longo de sua trajetória.

João Melquíades Ferreira da Silva (07/07/1869 - 10/12/1933) considerado um personagem de grande relevância nesta primeira fase da literatura de cordel, foi poeta de bancada e cantador, além de ter publicado várias obras de relevância as propagou a outras regiões.

Outras regiões do nosso país desenvolveram textos os quais, segundo seus autores, enquadravam-se na literatura de cordel, porém era totalmente divergente do que encontrávamos e encontramos no Nordeste. Esses textos provindos das outras áreas atinham-se a fatos de grande repercussão e quando apresentavam traços da literatura de cordel do Nordeste era porque tínhamos um escritor nordestino residindo em outra região do nosso país. Contudo, Diégues Júnior (1973, p. 14) destaca que:

No Nordeste, — retornemos o assunto —, por condições sociais e culturais peculiares, foi possível o surgimento da literatura de cordel, de maneira como se tornou hoje em dia característica da própria fisionomia cultural da região. Fatores de formação social contribuíram para isso; a organização da sociedade patriarcal, o surgimento de manifestações messiânicas, o aparecimento de

bandos de cangaceiros ou bandidos, as secas periódicas provocando desequilíbrios econômicos e sociais, as lutas de família deram oportunidade, entre outros fatores, para que se verificasse o surgimento de grupos de cantadores como instrumentos do pensamento coletivo, das manifestações de memória popular. (JÚNIOR, 1973, p. 14).

Nos primórdios da difusão do cordel, fixou-se uma tradição familiar. As famílias se reuniam após as refeições noturnas em grupos, iluminadas por candeeiros, e o membro alfabetizado realizava a leitura de novelas, histórias de poesias outras modalidades, favorecendo a divulgação dos textos de cunho popular. Por isso, a oralidade é um aspecto importante da literatura de cordel, como vimos foi um dos primeiros recursos utilizados por escritores para divulgação de suas produções, através das declamações, cantorias.

Também não podemos deixar de reforçar que a literatura de cordel foi utilizada como meio de comunicação, através da qual as pessoas ficavam sabendo de fatos que ocorriam em sua proximidade através dos *folhetos*. Com o surgimento de novos meios comunicativos como rádio e televisão essa reunião familiar foi se fragmentando, pois as pessoas passaram a realizar atividades individualizadas e em seus aposentos.

Definir uma temática própria da literatura de cordel é algo bem complexo, pois ela abraça múltiplas categorias sem fazer distinção de sua constituição, além de ousar ao fazer adaptações de grandes clássicos da literatura e também filosóficas, sem contar as notícias recém-chegadas: “o cordel é um jornal sem patrão”, vangloria-se Raimundo Santa Helena (SANTA HELENA, p. 8 *apud* MENESES, 2019, p. 233), ou seja, ele evidencia a autonomia em relação a outras categorias literárias, que estavam subordinadas aos desejos alheios. Padrões quebrados, classificações indefinidas entre outros aspectos falharam na tentativa de compreensão do cordel, o que levou Meneses a julgá-la como “o gênero da criatividade linguística” por trabalhar de infinitas maneiras suas produções.

Ana Cristina Marinho e Hélder Pinheiro (2012) revisam a classificação feita pelos próprios cordelistas e identificam cinco tipos temáticos de folhetos: pelejas, folhetos de circunstâncias/ de época, romances e marco. Nas pelejas e marco, são postas à prova a capacidade de rimar. Na primeira modalidade, desafiando um adversário no combate das rimas com temas reais ou imaginários, e na segunda modalidade, é o momento de virtuosismo e originalidade na construção

de um tema. Os folhetos de circunstância "é possível encontrar desde as últimas notícias sobre os acontecimentos políticos do país e do mundo, até curiosas de assassinatos de pessoas famosas ou assombrações que andam pelo sertão" (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 33). Os romances se concentram em histórias de "heróis e heroínas, os vilões, o lugar onde se passa a história, o tipo de história (de luta, aventura, humor, amor, mistério...)" (idem, p. 35).

No sentido geral, o cordel caracterizou-se como uma literatura popular por conter em sua essência textos que remetiam vivências regionalistas de um povo, grupo, etc. Além de utilizar a linguagem simples, o que possibilita aos seus leitores ter uma compreensão rápida e fácil da narrativa apresentada.

Ao longo de seu estudo, Ulpiano Meneses nos fala que os aspectos semânticos e/ou artifícios tiveram uma abordagem particular na literatura cordelista, concedendo-lhe aspecto poético, conceituando e destacando suas principais características e a harmonia concebida através das junção deles. Meneses destaca três: métrica, rima e oração.

A métrica seria a combinação de sílabas com a capacidade de produzir ritmo, a rima estaria ligada a combinação da última sílaba do verso com outros versos, "A sonoridade do ritmo e da rima, herança da oralidade, funciona, pois, como teste de competência e qualidade" (MENESES, 2019, p. 232), já que se trata de um texto escrito cantado e a oração como ele mesmo destacou é essencial neste processo, porém muito pouco compreendida, ao mesmo tempo destaca sua função primordial para estruturação do texto com início, meio e fim dando sentido coerente ao texto ou obra, despertando no leitor sensações que vão do riso ao choro.

Sua chegada ao Nordeste e sua representação estava associada às mudanças históricas sofridas pela sociedade ao longo do tempo, além disso buscava sempre desenvolver trabalhos voltados a instigar o imaginário múltiplo dos escritores e leitores partindo de suas concepções, utilizando os recursos "do humor ao lúdico, da ironia aos sentidos duplos e justaposições surrealistas e assim por diante" (MENESES, 2019, p. 237). Pois:

Assim, para apreender a historicidade do cordel, não é conveniente pensá-lo como documento histórico: convém, antes, "desdocumentalizá-lo", isto é, livrá-lo de ser tratado como apenas documento e abordá-lo como componente ativo do jogo social (MENESES, 2019, p. 237).

### 3.2 O leitor de cordel

As abordagens, as discussões e as conceituações feitas por Terry Eagleton e Tzvetan Todorov fornecem informações que nos levam a uma melhor compreensão da abrangência e da comoção da “literatura de cordel” entre os leitores. Vista como uma literatura de cunho popular, a literatura de cordel ganhou destaque em alguns estados do Nordeste brasileiro sendo, em geral, uma narrativa em versos em formato de folhetos impressos em papel de jornal, ilustrados com xilogravuras ligadas à temática abordada.

Complementando, Ulpiano T. Bezerra de Meneses (2019) desenvolveu um estudo acerca desta modalidade literária, partindo do conceito de sistema literário desenvolvido por Antonio Candido (1965), para quem a tríade obra-público-circulação literária é fundamental para a existência da própria literatura. Desse modo, Meneses (2019, p. 228) assinala que “literatura e prática do cordel (inclusive na dimensão comunitária) têm em comum o fato de agir sobre nosso mundo pela *palavra*, com a qual também criam novos mundos”.

Ulpiano T. Bezerra de Meneses no decorrer das discussões para a compreensão do cordel, utilizou as vivências de uma comunidade, povo ou grupo como principal ponto de abordagem nas obras e textos. Diante disso, ele realizou estudo individual dos principais elementos que compõem e fazem parte do cordel. Destacando a dimensão da palavra expressiva apontando a grande relevância na construção do cordel, pois é através desta que as coisas se concretizam e ganham vida. Assim como Eagleton e Todorov, Meneses citou o contexto social e mundo exterior como meios de concretização da palavra. Ao tratar da “expressão”, o autor destaca como algo de grande relevância capaz de introduzir-se no mundo, não dando margens para percepções vagas, mas observando-a a partir de suas capacidades transformativas nos mais diversos campos:

Por isso, conceber o cordel como “forma de expressão” é reconhecer que ele exerce, pela palavra, uma ação produtiva, que não passa em branco, mas tem capacidade de transformar, agindo em todas as frentes possíveis (MENESES, 2019, p. 230).

Diante das discussões apresentadas por Eagleton, Todorov e Meneses, os principais elementos que nos possibilitam conhecer a literatura mais intimamente está ligada principalmente ao nosso conhecimento do mundo interior e exterior e

das vivências produzidas no contexto social e histórico. Sem contar que nosso lado imaginativo também contribui fortemente para a construção dos textos, associados aos artifícios que produzem uma oralidade cantada através da combinação das palavras. Complementando, Eagleton e Todorov nos apresentam de forma ampla e reflexiva a construção do conceito de literatura, destacando os pontos relevantes para sua compreensão. E ao discutir contextualização, linguagem simples e objetiva, literatura como objeto de transformação tece considerações importantes para compreendermos a literatura de cordel.

Seguindo uma linha de pensamento semelhante, Márcia Abreu (2004) em seu artigo “Então se forma a história bonita’: relações entre folhetos de cordel e literatura erudita” nos apresenta de uma forma bem contextualizada a relação estabelecida entre literatura de cordel e literatura erudita e o processo de construção das obras e de suas características, levando em consideração o perfil de leitores que cada uma atrai.

Ao falar das produções em folhetos, a autora salienta que o público leitor destas obras é formado por indivíduos simples e sem conhecimento literário mais requintado e, também, por aqueles já experientes neste tipo de leitura. Adentrando a esse mundo, estes indivíduos passam a ser autores, leitores, editores e críticos dos textos. E um dos elementos que fizeram os folhetos conquistar um grande número de adeptos foi justamente sua relação íntima com a oralidade, favorecendo sua leitura em voz alta e compreensão, dando ao folheto este ar de leveza, com a especificidade de poder ser cantado. Como mostra o poeta Manoel de Almeida Filho:

[...] a grande maioria dos nossos fregueses lê o livro cantando. Como a gente lê, eles aprendem as músicas dos violeiros, e eles cantam aquilo. [...] E, em casa reúnem uma família, três, quatro, e cantam aquilo, como violeiro mesmo [...] O folheto tem esta doçura do verso. E o povo nordestino se acostumou a ler o verso. Então o livro em prosa mesmo, ele não gosta e nem gosta do jornal, a notícia do jornal. [...] Ele não entende. [...] Porque está acostumado a ler rimado, a ler versado. [...] Aquela notícia não é boa para ele, o folheto sim, porque o folheto ele lê cantando. (ALMEIDA, 1979, f. 202 *apud* ABREU, 2004, p. 200).

Os folhetos ganharam um grande número de adeptos por transmitir as notícias levando em conta os valores da maioria de seus leitores. Outro ponto importante de destacarmos, é que os leitores de folhetos também se sentem

atraídos por obras bem elaboradas como a erudita, porém desde que sua escrita esteja “versada e rimada”. De acordo com Márcia Abreu, algumas obras renomadas da literatura erudita foram reescritas na literatura de folheto, mas não foram escolhidas de forma aleatória, as escolhas ligavam-se a temas como: “mulheres virtuosas perseguidas por perversos apaixonados; amores contrariados (devido a diferenças sociais ou religiosas ou a provações impostas pelo destino) e enfrentamentos entre poderosos e valentes” (ABREU, 2004, p. 201).

Essa transformação de erudita para folheto não ocorre de forma aleatória, os escritores preocupam-se com toda estrutura de sua base. E todo esse trabalho não era feito de forma banal, tem toda uma estrutura para adaptá-la já que seu receptor deverá sentir-se atraído, familiarizado com a reescrita apresentada. Márcia por sua vez traz outra importante fala de Manoel de Almeida Filho sobre a visão dos grandes escritores relativas ao folheto:

[...] ele lê para aproximar-se de seus colegas de ofício — ele, um trovador, bebe poesia diretamente da pena de um escritor, autor do romance. Mais peculiar ainda é seu modo de ler, associando “leitura” e “memorização” — “li um famoso romance/ decorei lance por lance”. Segundo essa concepção de leitura, recorrente entre os autores e leitores de folhetos, ler é deslocar os conhecimentos fixados no papel para a memória. Eles comportam-se como o fazem comunidades iletradas em que todo o conhecimento tem que ser conservado no cérebro, já que não há formas exteriores de fixação de conteúdos. Os poetas de cordel, ainda que saibam ler, não se sentem liberados da tarefa de armazenar conhecimentos e informações em sua “parte craniana” (ABREU, 2004, pp. 203-204).

Manoel evidencia em sua fala o quanto o escritor e o leitor de folhetos são preocupados com a absorção de novos conhecimentos. Assim, ao longo das reescritas todos os elementos são descritos de forma a não perder suas características, de uma forma mais resumida, porém centralizada. Sendo destaque destes textos “a superação das dificuldades” comum nas narrativas entre os personagens.

Ao longo de seu estudo, Márcia Abreu nos apresenta trechos de adaptações de obras renomadas de sua forma original para o folheto, evidenciando os pontos mais característicos de cada obra preservando a temática original e também valorizando a temática do folheto. A partir dessa análise, percebemos que literatura erudita e literatura de folheto ou cordel tem um público distinto e um dos pontos que mais destacou isso foi a linguagem usada na

composição dos textos, a linguagem mais trabalhada ou requintada e uma linguagem simples, versada e rimada.

Essas descrições apontadas por Márcia Abreu compreendem algumas características da literatura de cordel, vertente literária com um longo caminho percorrido e dotada de particularidades que englobam o contexto social e ou histórico nas obras e textos literários. Isso faz com que o leitor sintá-se imerso na leitura, pois as palavras e recursos utilizados instiga-o fazendo compreender-se e ter uma visão mais ampla de mundo que o cerca.

## 4 LITERATURA DE CORDEL E MOTIVAÇÃO: A VIDA EM *POESIA QUE TRANSFORMA*

Nesta seção faremos uma análise da obra *Poesia que transforma* de Bráulio Bessa como um todo desde seu título, os temas e formas dos poemas, realçando os principais aspectos dos pontos citados que fazem a obra atrair, prender, motivar e instigar seus leitores. Desse modo, passamos por uma breve apresentação do autor para, por fim, chegamos à análise proposta.

### 4.1 Bráulio Bessa

Nordestino, cearense, oriundo de Alto Santo, uma cidade pequena sem grandes perspectivas e provindo de uma família muito simples, Bráulio Bessa iniciou sua trajetória na escrita literária aos 14 anos, ainda na escola. Sua fonte de inspiração foi o poeta e repentista Patativa do Assaré (Antônio Gonçalves da Silva, 1909-2002), também de origem bem humilde ligado ao meio rural, com pouca escolaridade, fato que não o impediu de galgar novos passos, expor, divulgar suas produções. Um “Fazedor de poesias” como ele mesmo se intitula, Bráulio Bessa viu na poesia uma forma de dar popularidade à “cultura nordestina”, apresentando suas riquezas e defendendo-a dos olhares preconceituosos.

Seus trabalhos tiveram início com pequenas poesias, transformadas em peças teatrais, que ganharam vida através do grupo de teatro da escola, chegando a ganhar alguns prêmios nas cidades vizinhas. Contribuindo para essa divulgação, Bráulio criou a página “Nação Nordestina” no *Facebook* com intuito de promover ainda mais a cultura do Nordeste, visto que, o Nordeste, sem dúvida ainda precisa ampliar sua visibilidade cultural, dando voz a um povo muito receptivo, mas hostilizado por indivíduos de regiões mais desenvolvidas, com a pré-concepção de um povo pobre culturalmente. Com isso ele destacou que:

[...] O que eu via era a carência de um movimento que valorizasse a cultura popular nordestina de forma geral: artesanato, culinária, música, poesia e acima de tudo, a essência do homem sertanejo. Por isso criei a página. O povo nordestino estava se sentindo inferiorizado, ferido. Como um povo tão gentil, prestativo, que recebe tão bem, podia ser tão atacado? E como o ataque vinha das redes sociais, pensei que a melhor ferramenta para combater

isso era usar essas mesmas redes sociais. Mas não agredindo de volta, e sim mostrando o que o Nordeste tem de bom (BESSA, 2018, p. 50).

Com esse trabalho Bessa, passou a alimentar a página com conteúdos diversos de forma a não deixar espaços vagos, apresentando de forma variada, sempre instigando seus espectadores a quererem, envolverem-se mais e mais. Isso funcionou muito bem, com o passar dos dias, a página foi ganhando força e atraindo mais e mais seguidores, eles se identificaram com os conteúdos e começaram a interagir positivamente, segundo o autor: "Passei a receber 200 mensagens por dia de gente que sofria preconceito" (BESSA, 2018, p. 51). Criou-se uma grande comoção entre os nordestinos e eles se sentiam representados, apoiados, porque encontravam lá vivências e sentimentos que, até certo momento, estavam reprimidos.

A página "Nação Nordestina" ultrapassou as expectativas de Bessa o número de seguidores e interações, participações só crescia com o passar dos dias. Mas ele continuava no anonimato, ele conta que não tinha pretensões e nem almejava fama, queria apenas ver seu trabalho reconhecido como representação de algo bom para as pessoas, porém após declamação do poema "Nordeste independente" em sua página particular no *Facebook*, o autor começou a ganhar reconhecimento de forma bem rápida e os seguidores a cada dia queriam mais.

Com esse grande engajamento conquistado, no final de 2014, ele foi convidado para uma participação no programa "Encontro com Fátima Bernardes" para falar do preconceito sofrido pelos nordestinos, apesar de curta, sua participação o levou à conquista de um espaço semanal no programa, com o quadro "Poesia com Rapadura". O quadro com declamação de poemas de assuntos diversos com temáticas ligadas à população e se propões enaltecer, instigar, transformar a vida das pessoas através da literatura: "Meu sonho é transformar a vida das pessoas através da poesia. Para isso, tenho que escrever sobre tudo." (BESSA, 2018, p. 13).

A criação e promoção de conteúdo na página "Nação Nordestina", possibilitou que o autor alcançasse seu propósito, que era mostrar e defender a cultura nordestina e tornou um dos seus maiores desejos em realidade: expor, declamar, mostrar suas produções de cordel ao povo. E mais que meros textos, ele queria que suas produções se tornassem conhecidas e que as pessoas

tivessem acesso a essa manifestação literária que aborda temáticas tão próximas da realidade.

Atualmente ele conta com cinco livros publicados: *Poesia com Rapadura* (2017), *Poesia que transforma, Recomece* (2018) e *Um carinho na alma* (2019), além da edição do "box" *Poesia que transforma + Um carinho na alma* (2020). Além de manter seu quadro "Poesia com Rapadura", atua como palestrante e usa as redes sociais também propagando seus poemas, textos e a cultura nordestina.

#### **4.2 Poesia que transforma**

Este livro foi escolhido como objeto principal desta pesquisa por conter textos ligados ao nosso cotidiano que nos levam a uma reflexão das nossas vivências, dos nossos olhares como todo, além de ser muito rico em conteúdo. Apesar de estarmos lidando com uma linguagem simples e direta, o autor ao longo da obra vai nos apresentando vários elementos do nosso dia a dia que juntos transmitem ensinamentos. Nessa obra, Bráulio Bessa deixa bem evidente o poder transformador que a poesia exerce na vida das pessoas, o quanto elas se identificam com seus textos e sua história, também, contada ao longo do livro.

Seus textos são tão bem recebidos que ele dedica algumas páginas do livro a depoimentos de seus leitores, relatando suas experiências ao ter contato com sua poesia, destacando a transformação ocorrida em suas vidas.

Ao longo do seu livro, *Poesia que transforma*, ele vai contando aos poucos fatos da sua vida intercalando e estabelecendo conexões com poemas. Para cada fase vivida, temos poemas que estabelecem uma ligação direta com o período. O livro não se prende a uma única abordagem temática, então é possível encontrar abordagens de cunho social, valores familiares, sentimentos, temas contemporâneos, como as redes sociais, além de trabalhar sempre o lado instigante para que seus leitores tirem sempre o melhor proveito possível das reflexões que são propostas.

A obra *Poesia que transforma* de Bráulio Bessa é composto por trinta e cinco poemas de abordagem temática diversificada, narrando fatos, situações, vivências que ocorrem em nosso dia a dia, além de remeter ao espaço do sertão. A obra está organizada de forma contextualizada, pois além da apresentação do início da obra, cada bloco de poemas é acompanhado por um relato do poeta,

citando suas vivências com a leitura e os leitores, assim como o percurso até a elaboração da cada poema. O poema “Recomece” tem destaque especial, sendo o primeiro da coletânea e com texto exclusivo sobre sua composição e importância para o autor. Os demais se organizam em onze trios, enumerados abaixo. Ao fim, cada trio recebe, igualmente, um texto reflexivo do autor, sendo que, no último bloco, são transcritos alguns depoimentos dos leitores de Bráulio Bessa:

1. "A corrida da vida"; "Se"; "Sonhar".
2. "Nunca é tarde"; "Medo"; "Coração Nordestino".
3. "Fome"; "Prefiro a simplicidade"; "Redes sociais".
4. "Amor às diferenças"; "Acredite"; "Valores".
5. "Ela"; "Definição de saudade"; "I love you bem lovado!".
6. "As coisas simples da vida"; "Heróis da vida real", "Mãe".
7. "A força de uma mãe"; "Dar à luz"; "Do lado esquerdo do peito".
8. "Fãs e ídolos"; "Vira-lata"; "Grande interior".
9. "O encontro dos sentimentos"; "É preciso mudar"; "Natal".
10. "A mão de um amigo"; "Sempre haverá esperança"; "Pai de desconhecido a eterno".
11. "Um matuto em Nova Iorque"; "Honestidade"; "Poesia que transforma".

No encerramento da obra, é eleito o poema "Imagine a paz", acompanhado dos agradecimentos do autor. Os poemas são acompanhados de ilustrações que remetem aos temas de cada bloco. Essas ilustrações são de traços simples, na cor preta, citando, imageticamente, temas mais abstratos como sonhar, observar, acreditar, etc., que são recorrentes nos poemas.

Por seu turno, seus poemas são escritos seguindo traços característicos da literatura de cordel, com alterações em algumas produções, podemos encontrar ao longo do livro produções com a seguinte estrutura na estrofação: sextilha (uma estrofe de seis versos), setilha (uma estrofe de sete estrofes) e décima (uma estrofe de dez versos). Ao mesmo tempo, também encontramos textos contendo uma estrutura mista, sem uma ordem cronológica de ocorrência, mas seguindo e contendo os elementos característicos do cordel.

Os textos de Bráulio Bessa não são direcionados a um público específico, eles abrangem a cada dia um número maior de leitores que não são única e exclusivamente pertencentes a uma classe social. São perfis e idades distintas que juntos formam esse grande grupo.

Bruna Schaefer (2019), em seu estudo sobre a poesia de Bráulio Bessa, fornece alguns indícios de onde vinha essa popularidade e diferencial que estava atraindo tantos seguidores. Ela deixa bem evidente como citamos, anteriormente, que por falar das coisas que nos cercam e fazem parte do nosso dia a dia, seus textos vem pedindo a seus leitores: um olhar minucioso, uma atenção diferenciada para os fatos que estão ao nosso redor, ou seja, tem um lado apelativo. Schaefer (2019) cita a metáfora como principal recurso utilizado por Bessa para dar essa vivacidade aos seus poemas, pois através dela os indivíduos utilizam os recursos e memórias individuais dando um toque muito pessoal as interpretações e vivências concebidas por cada poema.

Reforçando seu argumento, a autora nos apresenta a análise de um dos poemas de Bessa, “Redes Sociais”, e aponta possíveis caminhos para tamanha audiência, com isso ela destaca:

Outros pontos importantes desse poema são a temática e a linguagem, sendo que, um assunto extremamente simples, porém, presente na vida das pessoas, tornou-se a base de uma reflexão séria e importante. Bessa coloca em jogo, por exemplo, o uso excessivo das redes sociais, criticando essa ação tão praticada na atualidade. O emprego da linguagem coloquial também é um aspecto muito relevante. Percebo que as palavras apresentadas no poema não estão expostas com o objetivo de seguir “as regras gramaticais”, mas sim, o vocabulário da língua falada, com termos simples e próximos às variedades utilizadas pelo povo brasileiro, facilitando o acesso aos poemas (SCHAEFER, 2019, p. 7).

A partir destes argumentos, podemos ter uma noção do que os leitores veem, notam a cada poema de Bessa e o “porquê” se sentem tão íntimos e representados por sua escrita. Segundo Schaefer (2019), uma das características mais marcantes das obras de Bráulio Bessa é a “metáfora clamor”, justamente, por clamar esse olhar minucioso para questões, pontos, fatos tão frequentes em nossas rotinas. Sem contar a autenticidade presente em suas declamações, que colabora para seus textos serem ainda mais vívidos: “A voz do cordelista declama suas palavras com emoção, entonação, gestos e movimentos corporais”

(SCHAEFER, 2019, p. 13). E esse conjunto de movimentos nos permite aflorar os sentimentos, às emoções:

As emoções mais intensas suscitam o som da voz, raramente a linguagem: além ou aquém desta, murmúrio e grito, imediatamente implantados nos dinamismos elementares. Grito natal, grito de crianças em seus jogos ou aquele provocado por uma perda irreparável, uma felicidade indizível, um grito de guerra que, em toda a sua força, aspira a fazer-se canto: Voz plena, negação de toda redundância, explosão do ser em direção à origem perdida - ao tempo da voz sem palavra. (ZUMTHOR, 1995, p. 13 *apud* SCHAEFER, 2019, p. 14).

Assim como mencionado acima, a voz foi e é um recurso muito utilizado como principal meio de divulgação dos cordéis nas feiras, praças, encontros, etc. E os autores faziam e fazem uso desse recurso como forma de elevar, dar vida, instigar ao público a conhecer seu trabalho. E, em meio ao público, os cordelistas utilizam partes estratégicas para declamarem e ao perceberem o envolvimento dos espectadores param e os deixam na expectativa de mais, essa estratégia fez e faz com que os leitores curiosos adquiram as produções textuais, como destaca Márcia Abreu (2006) em seu texto.

Com Bessa também não ocorre diferente, as declamações feitas, principalmente, no seu quadro “Poesia com Rapadura”, criam e geram expectativas em seus espectadores, pois sempre são produções novas, oriundas de fatos vistos pelos espectadores. Bessa (2018) ao longo de seu livro faz uso de um recurso característico de outros escritores dessa modalidade, que é a transformação de uma fase da sua vida, contada de maneira detalhada e transformada em versos de cordel de forma mais resumida sem perda das principais partes do enredo, como aponta Marcia Abreu (2006) em seu estudo.

Em *Poesia que transforma*, temos um poema que se destaca e que tem uma expressividade maior dentre os leitores, como salienta Bessa (2018), esse poema abre caminhos para os demais que se seguem. Trata-se de “Recomece”, um poema que está estruturado em sextilha, estabelecendo rimas entre o segundo, quarto e sexto verso de cada estrofe, fugindo um pouco deste padrão apenas na última estrofe. O poema faz uma abordagem dos recomeços que são vividos por nós, a cada dia, em cada fase de nossas vidas. Ressaltando que, mesmo tendo dias difíceis devemos acreditar nos novos recomeços:

Recomece

Quando a vida bater forte  
e sua alma sangrar,  
quando esse mundo pesado  
lhe ferir, lhe esmagar...  
É hora do recomeço.  
Recomece a LUTAR.

Quando tudo for escuro  
e nada iluminar,  
quando tudo for incerto  
e você só duvidar...  
É hora do recomeço.  
Recomece a ACREDITAR.

Quando a estrada for longa  
e seu corpo fraquejar,  
quando não houver caminho  
nem um lugar pra chegar...  
É hora do recomeço.  
Recomece a CAMINHAR.

Quando o mal for evidente  
e o amor se ocultar,  
quando o peito for vazio,  
quando o abraço faltar...  
É hora do recomeço.  
Recomece a AMAR.

Quando você cair  
e ninguém lhe aparar,  
quando a força do que é ruim  
conseguir lhe derrubar...  
É hora do recomeço.  
Recomece a LEVANTAR.

Quando a falta de esperança  
decidir lhe açoitar,  
se tudo que for real  
for difícil suportar...  
hora do recomeço.  
Recomece a SONHAR.

Enfim,

É preciso de um final  
pra poder recomeçar,  
como é preciso cair  
pra poder se levantar.  
Nem sempre engatar a ré  
significa voltar.

Remarque aquele encontro,  
reconquiste um amor,

reúna quem lhe quer bem,  
reconforte um sofredor,  
reanime quem tá triste  
e reaprenda na dor.

Recomece, se refaça,  
relembre o que foi bom,  
reconstrua cada sonho,  
redescubra algum dom,  
reaprenda quando errar,  
rebole quando dançar,  
e se um dia, lá na frente,  
a vida der uma ré,  
recupere sua fé  
E RECOMECE novamente. (BESSA, 2018, pp. 16-17).

Como o próprio autor deixa evidente este poema provocou uma comoção além do esperado, por ter tocado de forma tão íntima muitas pessoas e ter despertado essa identificação. Bessa deixa claro que, muitas pessoas chegaram a pensar que este poema fosse relativo a algum fato ocorrido em sua vida, justamente, por falar e destacar algo tão presente em nossas vidas, que são os recomeços. Porém, a sua real inspiração foi a garota Laura Beatriz que vivenciou um momento muito difícil em sua vida que foi a perda de seus familiares num deslizamento de terra em um morro do Rio de Janeiro. E, apesar desse episódio triste, o autor conseguiu perceber em seu olhar “força”, e isso seria um elemento crucial para um novo recomeço. E daí surgiram as palavras que transmitiram sua mensagem, seu apoio para aquela garota.

Com isso, Laura Beatriz atuou como a inspiração para a propagação de algo maior, como afirma o autor:

Comecei a escrever e no meio do poema me dei conta de que, ao falar para Laura Beatriz, no fundo estava falando para todo mundo, independentemente da dor ou do motivo do recomeço, alguns menores, outros devastadores. De alguma forma, todo mundo está sempre recomeçando (BESSA, 2018, p. 19).

Assim como a personagem principal da inspiração do poema, outros leitores, espectadores viram seus “recomeços” narrados naquele poema e, em resposta a essa escrita tão próxima, enviaram para Bessa depoimentos, por meio dos quais contam suas vivências, sentimentos, as transformações despertadas pelo poema.

“Recomece” tocou muitas pessoas em momentos importantes de suas vidas. É um poema que eu mesmo leio para me sentir melhor. Eu me coloco no papel do leitor, esqueço até que fui eu que escrevi. Tem coisas que escrevo e parece que é alguém que está dizendo, é como se eu nunca tivesse escrito aquilo. Às vezes causa um impacto em mim mesmo... (BESSA, 2018, p. 19).

Dentro do poema algumas palavras estão escritas em caixa alta e como vemos e percebemos no nosso dia a dia, fazem parte das nossas lutas diárias, quando estamos em busca de novos caminhos, são elas: LUTAR, ACREDITAR, CAMINHAR, AMAR, LEVANTAR, SONHAR e RECOMECAR. Essas palavras mesmo fora do poema, por si só carregam significados de inspiração, transformação, busca pelo novo, como por exemplo: “lute e acredite nos seus sonhos, objetivos”, “ame a sua caminhada e levante quantas vezes cair”, “sonhe e recomece a cada novo dia”... Dentre outras significações que podem surgir partindo de diferentes interpretações.

“A corrida da vida” é um poema estruturado em septilha (estrofes formadas por sete versos), em que o segundo e quarto versos, o quinto e sexto versos e o quarto e sétimo versos são rimados. Como o próprio tema sugere este poema nos fala e nos leva a uma reflexão sobre as fases da vida, enfatizando que apesar de dolorida, sofrida, cheia de obstáculos, preocupações deve ser vivida uma fase de cada vez sem apressar os passos, parando e analisando cada detalhe do percurso. Como podemos ver um pouco dessas características na primeira estrofe:

Na corrida da vida  
é preciso entender  
que você vai rastejar,  
que vai cair, vai sofrer  
e a vida vai lhe ensinar  
que se aprende a caminhar  
e só depois a correr (BESSA, 2018, p. 22).

O autor busca sempre destacar ao longo deste poema o ponto positivo, o negativo e a lição que podemos tirar de cada fato. Salienta pontos que, hoje, são muito evidentes em nossa sociedade tão atualizada, tão desenvolvida, tanto tecnologicamente, quanto nos modos de vida. Como por exemplo: o individualismo, as decepções, a mentira, a ingratidão, a inveja, a solidão, a correria entre outros aspectos. Bessa vem através do seu poema abrir nossos

olhos, chamar nossa atenção para a vida corrida que temos levado e para os sentimentos que esse ritmo tão desenfreado tem nos acometido, estamos vivendo em correria constante que não estamos apreciando a vista durante o caminho. Por isso, ele completa:

Por isso é que o caminho  
tem que ser aproveitado,  
deixando pela estrada  
algo bom pra ser lembrado,  
vivendo uma vida plena,  
fazendo valer a pena  
cada passo que foi dado.

Aí sim, lá na chegada,  
onde o fim é evidente,  
é que a gente percebe  
que foi tudo de repente,  
e aprende na despedida  
que o sentido da vida  
é sempre seguir em frente (BESSA, 2018, p. 24).

Nessa corrida constante, ao longo de nossa vida, passamos por muitas situações e todas deixam um aprendizado, uma lição. Com o poema "Se" não é diferente, com estrofes formadas por décima e septilha, o autor vem trazer essa provocação a nós. Enquanto indivíduos em constante evolução, nos deparamos vez ou outra com situações embaraçosas que levam à indecisão e é comum pararmos e pensarmos nas possibilidades que tais decisões podem acometer. Com isso, ele enfatiza essas fases utilizando a conjunção subordinativa condicional "se", que sempre expressa o sujeito nessa linha de condição para suas escolhas diante do que lhe é proposto. Neste âmbito logo nas estrofes iniciais Bessa (2018) evidencia essa condição do medo diante do novo:

E se quando eu cair  
ninguém me estender a mão.  
E se quando eu me perder,  
sem rumo, sem direção,  
Se eu não achar o caminho  
Se eu tiver sozinho  
no labirinto da vida (BESSA, 2018, p. 26).

Mas, logo em seguida, reforça que, apesar dessa condição de incerteza, dúvida, o "se" pode ser convertido em concretização, impulsionamento, despreendimento das amarras da incerteza. Chamando a nossa atenção mais uma

vez e nos dizendo: mesmo que as dúvidas se façam presentes em nossas escolhas, não nos deixemos dominar por ela, sejamos otimistas e perseverantes, pois toda escolha deixa seu aprendizado. Por isso, o autor insiste:

Se o SE fosse diferente  
 Se eu dissesse para mim mesmo:  
 Se renove, siga em frente.  
 Se arrisque, se prepare  
 E se cair jamais pare  
 Se levante, se refaça,  
 Se entenda, se reconheça  
 E, se chorar, agradeça (BESSA, 2018, p. 26).

Prosseguindo os estudos, Bessa vem nos mostrar um novo aspecto que faz parte das nossas lutas diárias o “medo”, algo que nós sentimos e nos deparamos, constantemente, em vários momentos da nossa vida. Então, ele nos apresenta o poema intitulado “Medo” organizado em sextilha:

Que o medo de chorar  
 não lhe impeça de sorrir.  
 Que o medo de não chegar  
 não lhe impeça de seguir.  
 Que o medo de falhar  
 não lhe faça desistir (BESSA, 2018, p.42).

Ao longo de todo o poema, o autor busca sempre destacar que todo medo tem sempre um lado positivo a ser superado, para isso utiliza o termo: “não lhe impeça” com muita frequência e o jogo de palavras para defender esse ideal (chorar e sorrir, falhar e desistir, errar e aprender), destacando que não podemos deixar essa sensação paralisar nos sonhos, desejos, anseios etc.

Toda coragem precisa  
 de um medo pra existir.  
 Uma estranha dependência  
 Complicada de sentir.  
 A coragem de levantar  
 Vem do medo de cair.

Use sempre a coragem  
 para se fortalecer.  
 E quando o medo surgir  
 não precisa se esconder.  
 Faça com que seu próprio medo  
 Tenha medo de você (BESSA, 2018, p. 44).

Deixando evidente que, por mais desagradável que seja essa sensação, ela precisa existir para que outras melhores se aforem. E com isso, mais uma vez, percebemos nas entrelinhas de cada estrofe aquele toque motivador, incitativo para que não nos deixemos parar diante dos “medos” do nosso dia a dia.

“Coração nordestino” é um poema formado por décima (estrofes de dez versos), no qual as rimas se estabelecem da seguinte forma: primeiro quarto, sétimo e décimo verso são rimados e os demais estabelecem essa ligação com seus próximos. E nele podemos ver um relato da vida do povo nordestino, da sua rotina, de personagens, da culinária, objetos, costumes que não descritos por nomes, mas que podem ser, facilmente, encontrados e identificados em vários lugares do Nordeste. Mas a primeira estrofe merece uma atenção especial, pois nele Bessa faz referência a Severino personagem principal da obra *Morte e vida severina* de João Cabral de Melo Neto (1920-1999):

Um cantador de viola  
Fazendo verso rimado,  
toicim de porco torrado  
numa velha caçarola,  
um cego pedindo esmola,  
lamentando o seu destino,  
é só mais um Severino  
que não tem o que comer (BESSA, 2018, p. 46).

A obra de João Cabral de Melo Neto foi escrita entre 1954 e 1955, relatando a vivência de muitos nordestinos que fugiam de suas duras realidades e partiam para grandes centros urbanos com suas famílias em busca de uma condição de vida melhor e foram representados pelo retirante Severino. Em 2018, Bessa relatou em seu poema algo muito semelhante com a narrativa de *Morte e vida severina*. Atualmente, tivemos várias mudanças de comportamentos, hábitos, evoluções tecnológicas e ainda encontramos muitos “Severinos” de ambos os sexos e em outras regiões do nosso país.

E para além da descrição destes fatos narrados “Coração nordestino” foi a concretização de sonho, um objetivo para Bessa, pois mostra, apresenta a realidade vivida por ele contada através de versos.

[...] Li os poemas, e essa coisa da rima, da métrica, não me cansava, que queria ler mais. Os poemas falavam do povo, do Ceará, da seca, e eu me enxergava dentro daquilo tudo, entendia que ele estava falando de mim, dos meus avós, dos meus pais,

dos meus vizinhos, do meu universo. Fui me encantando e foi um choque para mim, porque me vi querendo ser poeta (BESSA, 2018, p. 33).

Tomando esse desejo com força e determinação, ele começou a trilhar seus primeiros passos com a escrita de poemas na escola, juntamente com a propagação da cultura nordestina através da rede social, vários motivos ele teve para desistir de apresentar sua poesia às pessoas, deu alguns passos por áreas totalmente diferentes inicialmente, mas com o passar dos dias acabou se tornando aliado: do seu desejo de transformar a vida das pessoas com poesia, como foi caso da faculdade de Análise de Sistemas que Bessa iniciou e que possibilitou a ele conhecimentos técnicos, inclusive de como montar uma página na Internet:

Mesmo depois de três anos e meio de curso de Análise de Sistemas, a minha paixão pela cultura e pela história do Nordeste, pela força do povo, era ainda muito presente e pulsante, e eu continuava escrevendo. Meu sonho era de um dia lançar um livro de poesia e transformar a vida das pessoas (BESSA, 2018, p. 66).

Nessa perspectiva, veio “Acredite”, poema estruturado em sextilha e décima, e, como o próprio título sugere, o poema vem potencializar a concepção de luta para alcançar os sonhos, evidencia de forma bem intensa a “fé”. Retomando um pouco da sua trajetória para levar seu trabalho a muitos outros indivíduos, como ele mesmo descreveu ao longo do poema, foi um percurso cheio de idas e vindas, mas com persistência, fé, acreditando no seu potencial ele conseguiu realizar. E ele transforma sua vivência em poema e descreve, ao longo de todo texto, o quão importante é acreditar nos desejos que nascem no coração, mesmo enfrentando as adversidades que surgem tentando impedi-lo de prosseguir:

Enfim, acredite em tudo  
que é bom e lhe faz bem.  
Acredite, inclusive,  
no que lhe faz mal também,  
já que, pra se proteger,  
é preciso conhecer  
o que se vai se enfrentar.  
Que você nunca se esqueça:  
Não importa o que aconteça  
Não deixe de ACREDITAR! (BESSA, 2018, p. 74).

“Redes Sociais” é um poema estruturado em septilha e traz evidente o reflexo comportamental da sociedade moderna do século XXI, destacando o

antagonismo que temos vivido e visto atualmente: vida real *versus* vida virtual. Ao longo do poema, o autor destaca claramente a vida imaginária que as pessoas estão levando nas redes sociais, camuflando a realidade e vivendo de falsas perfeições. Podemos ver no trecho a seguir:

Lá nas redes sociais  
o mundo é bem diferente,  
dá pra ter milhões de amigos  
e mesmo assim ser carente.  
tem like, a tal curtida,  
tem todo tipo de vida  
pra todo tipo de gente.

[...] Mudou até a rotina  
de quem tá se alimentando.  
Se a comida for chique,  
vai logo fotografando.  
Porém, repare, meu povo:  
Quando é feijão com ovo  
não vejo ninguém postando (BESSA, 2018, p. 62).

E com isso, ele vem mais uma vez chamar a nossa atenção para as falsas ideologias vividas e para as perfeições pregadas que, ao serem expostas, mostram algo muito contraditório do real, especialmente, os problemas que essa exposição exagerada tem causado, inclusive, as de cunho psicológico. Por isso, Bessa (2018, p. 64) nos diz:

E se você receber  
esse singelo cordel  
que escrevi à mão  
num pedaço de papel,  
que tem um tom de humor  
mas no fundo é um clamor  
lhe pedindo pra viver.  
Viva a vida real,  
Pois a curtida final  
Ninguém consegue prever.

Bessa clama pela mudança de hábito e valorização das coisas a nossa volta, que são simples, valiosas, gostosas de serem vividas, mas que estão sendo deixadas de lado por causa da nossa superficialidade.

Ainda no mesmo pensamento, selecionamos o poema “É preciso mudar”, para reforçar o que já expormos acima. As mudanças de atitudes e a valorização

de cada fase vivida das nossas vidas, nos desprendendo dos padrões estigmatizados que a sociedade tem ditado, é mote desse poema:

[...] Pinte a parede da sala

Sem medo de se sujar  
Devore a lasanha, a coxinha  
Sem culpa por engordar.  
Frequente novos lugares  
E respire novos ares  
Pois é preciso mudar (BESSA, 2018, p.144).

E por fim, “Poesia que transforma”. Nesse poema, Bráulio Bessa apresenta de forma resumida as transformações que a poesia suscitou em sua vida e na de muitas outras pessoas, as percepções que podemos ter quando temos contato com ela.

Esse poema tem uma relevância especial por intitular o livro e sintetizar a proposta poética de Bráulio Bessa, das transformações que a poesia concede a quem decide apreciá-la. Retomando Todorov (2009, pp. 23-24), podemos ler em “Poesia que transforma” o reconhecimento do potencial da literatura em permitir o leitor a experiência sensações múltiplas, pois a leitura permitiu ao compreender seu interior e as coisas que o cercam. É evidente neste poema a representação da voz coletiva e as transformações proporcionadas através da poesia.

Ao longo dos poemas vistos selecionados, Bráulio Bessa vem destacando fatos, circunstâncias, sentimentos que fazem parte das nossas vidas. Ele faz uso dos elementos literários para evidenciar, incentivar, chamar nossa atenção para a forma como estamos vivendo. Ele vê as pessoas da sociedade atual “desacreditadas” de forma geral:

O poema “Se”, quando eu li, me tocou muito por conta dos problemas que estava tendo com o homem que hoje é meu ex-namorado. Refleti muito depois que eu li várias vezes, e vi que não poderia deixar o “se” me dominar! (PATRÍCIA, 2018 *apud* BESSA, 2018, p.180)

Para trabalhar e melhorar essa concepção, ele ao longo de todo seu livro busca trazer temas e situações atuais, mostrando a realidade, cercada de dúvidas, incertezas, medos que todo indivíduo está sujeito a vivenciar. Utilizando palavras e expressões que inspiram uma mudança. Por isso, constantemente ele utiliza:

acredite, sonhe, recomece, lute, caminhe, levante, ame, seja corajoso, desacelere os passos, olhe quem está a sua volta, ame todos os dias de sua vida e tire todos os proveitos dele. Como podemos ver em alguns depoimentos de seus leitores:

Quando descobri que tinha contraído o vírus HIV pensei diversas vezes em acabar com a minha vida. Mas eis que uma bela sexta eu estava vendo *Encontro com Fátima Bernardes* e você recitou o poema do recomeço. Naquele momento percebi que poderia, sim, recomeçar minha linda vida com algumas alterações. Hoje continuo numa busca contínua pela felicidade. (JONATHAN, 2018 *apud* BESSA, 2018, p.180).

E, assim, transcorre seu livro sempre buscando mostrar o lado positivo da vida, apesar das adversidades, dos contratempos, nos motivando a galgar novos espaços e sonhos... Precisamos sempre estar dispostos a mudar e lutar pelos nossos desejos, uma vez que as mudanças chegam e cabe a nós trabalharmos para tirar o melhor proveito e aprendizagem dela, que até as coisas mais simples dos nossos dias nos tornam melhores que ontem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escolher a obra *Poesia que transforma* de Bráulio Bessa, foi buscado investigar como a leitura dos poemas propõe essa transformação aos leitores. Inicialmente, busquei investigar o conceito de literatura, leitor literário, literatura de cordel e o leitor de cordel para entender a relação literatura, leitura e motivação na obra de escolhida. Segundo os estudos desenvolvidos por Todorov (2009) e Jouve (2002) a leitura literária é um campo muito rico para a ser explorado por permitir ao leitor interpretações múltiplas, pois, ao ter contato com o texto literário, o leitor não está em busca de um conhecimento desbravador, mas de conhecimento que o permita conhecer seu interior e sua existência.

Como nos apresenta Oliveira (2018), o “leitor comum” bem engajado nesta área não se atém a critérios minuciosos na escolha de um texto literário ou obra, mas sim busca por características que possibilitem prazer e autoconhecimento, permitindo-se ter acesso a novas vivências.

Em seguida, busquei e apresentei a literatura de cordel, trazendo um pouco do seu período histórico até os dias atuais, surgimento, desenvolvimento, principais eventos e escritores que fizeram parte do surgimento, crescimento e fortalecimento do movimento. Destacando, também, o leitor de cordel e seus comportamentos, como vimos com Márcia Abreu (2004) nos apresenta esse leitor como indivíduos que buscam o cordel como fonte de divertimento e informação, além de recordar o trânsito entre a cultura popular e erudita que acontece no gênero.

Na sequência, desenvolvemos a apresentação da obra, juntamente com análise de alguns poemas que reforçam essa concepção de transformação proposta pelo autor. Ao final das análises dos poemas, pode-se constatar que o autor traz abordagens de temáticas diversas. No início de cada poema, ele sempre apresenta os questionamentos, as dúvidas, as inquietações e desenvolve a narrativa e, ao final, nos faz o chamado de pararmos, pensarmos, analisarmos cada situação e nos incentiva a tirar sempre bons proveitos de cada uma. Destacando ao longo de seus textos palavras que inspiram essa motivação, na busca por melhores vivências.

Por fim, conclui-se que o autor usa vivências que fazem parte do nosso cotidiano e desenvolve poemas que chamam a atenção, principalmente, daquelas pessoas que estão desmotivadas. Inicialmente, ele utiliza um título motivador, em seguida, descreve os percalços que podemos encontrar e os proveitos que tiramos e ou podemos tirar de cada vivência nossa. Em seguida, destaca que, apesar dessas adversidades, é possível tirar lições e seguir acreditando, lutando pelo que se deseja. Evidenciando que esta pesquisa possibilita ainda outras linhas de investigação e interpretação, sendo passível de crítica.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. "Então se forma a história bonita": relações entre folhetos de cordel e literatura erudita. *Horizontes Antropológicos*. [online]. 2004, vol.10, n.22, pp.199-218. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttex&pid=S0104-71832004000200008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttex&pid=S0104-71832004000200008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 25 abril 2020.

\_\_\_\_\_. "Versos simples e rudes produzidos pela cultura popular" — a beleza e o sentido estético em culturas outras. In: \_\_\_\_\_. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2006, p. 59 – 80.

ALMEIDA, Leonardo Pinto de. A experiência total da leitura literária. *Arq. bras. psicol.* [online]. 2014, vol.66, n.2, pp. 143-158. ISSN 1809-5267. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1809-52672014000200011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-52672014000200011&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 05 ago. 2020.

BENJAMIN, Roberto. *Biografia de João Melquíades Ferreira da Silva*. Fundação Casa Rui Barbosa. s.d. Disponível em: <[http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/JoaoMelquiades/joaoMelquiades\\_biografia.html](http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/JoaoMelquiades/joaoMelquiades_biografia.html)> Acesso em: 28 de nov.2020.

BRASIL. *Leandro Gomes de Barros, o príncipe dos poetas*. Ministério do Turismo. Secretaria Especial da Cultura. Divulgado em: 05 jun. 2017. Disponível em: <<http://cultura.gov.br/leandro-gomes-de-barros-o-principe-dos-poetas/>>. Acesso em: 28 nov. 2020.

CHAGAS BATISTA. In: *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras*. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa4631/chagas-batista>>. Acesso em: 28 nov. 2020.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. Ciclos temáticos da literatura de cordel. (Tentativa de classificação e interpretação dos temas usados pelos poetas populares). In: CARVALHO E SILVA, Maximiano de. *Literatura Popular em Verso*. Tomo I. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973, pp. 1 -151.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FLORES, Onici Claro. *Ensino de língua e literatura: alternativas metodológicas*. Canoas: Ed. ULBRA, 2001. Disponível em:<[https://books.google.com.br/books/about/Ensino\\_de\\_l%C3%ADngua\\_e\\_literatura.html?id=O8DIAaPqPZwC&printsec=frontcover&source=kp\\_read\\_button&redir\\_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books/about/Ensino_de_l%C3%ADngua_e_literatura.html?id=O8DIAaPqPZwC&printsec=frontcover&source=kp_read_button&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em: 30 de jun. 2020.

GASPAR, Lúcia. *Leandro Gomes de Barros*. Fundação Joaquim Nabuco. Recife, 29 de maio de 2008. Disponível em: <[http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&view=article&id=319&Itemid=1](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=319&Itemid=1)>. Acesso em: 28 nov. 2020.

\_\_\_\_\_. *Silvino Pirauá de Lima*. Fundação Joaquim Nabuco. Recife, 27 de novembro de 2008b. Disponível em: <[http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&view=article&id=400:silvino-piraua-de-lima&catid=53:letra-s&Itemid=1](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=400:silvino-piraua-de-lima&catid=53:letra-s&Itemid=1)>. Acesso em: 28 nov. 2020.

JOUVE, Vicent. *A leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

LITERATURA DE CORDEL. In: *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras*. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo9658/literatura-de-cordel>>. Acesso em: 30 mai. 2020.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. Literatura de cordel: história, formas e temas. In: \_\_\_\_\_. *O cordel no cotidiano escolar*. São Paulo: Editora Cortez, 2012, pp. 17-48.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A literatura de cordel como patrimônio cultural. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 72, p. 225-244, abr. 2019. [online]. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0020-38742019000100225&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0020-38742019000100225&script=sci_arttext)>. Acesso em: 22 mai. 2020.

OLIVEIRA, Silvério da Costa. *A arte de viver escrevendo*. Clube de Autores (managed), 2018. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=7At6DwAAQBAJ&hl=pt-BR&source=gbs\\_navlinks\\_s](https://books.google.com.br/books?id=7At6DwAAQBAJ&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s)>. Acesso em: 01 ago. 2020.

SCHAEFER, Bruna. Poesia com “clamor”: uma leitura de poemas de Bráulio Bessa Uchoa. Disponível em: <<https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/3256/1/SCHAEFER.pdf>>. Acessado em: 20 mar. 2021.

SILVA, José Fernando Souza. *Biografia de Francisco das Chagas Batista*. Fundação Casa Rui Barbosa. s.d. Disponível em: <[http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/FranciscoChagas/franciscoChagas\\_acervo.html](http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/FranciscoChagas/franciscoChagas_acervo.html)>. Acesso em: 28 nov. 2020.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP  
COLEGIADO DE LETRAS



**Ata de Apresentação de Trabalho de Conclusão de Curso da/o Graduanda/o ELMA DE SOUSA SANTOS.**

Ao vigésimo quinto dia do mês de maio do ano de dois mil e vinte e um, às dezesseis horas, na sala virtual pela Plataforma Google Meet do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, reuniram-se a/o Professora/o **MÔNICA GOMES DA SILVA**, na qualidade de orientadora/o e Presidente da Banca de TCC, a/o Professora/o **TARCÍSIO FERNANDES CORDEIRO** e a/o Professora/o **ANDRÉ LUIS MACHADO GALVÃO**, como membros da banca, comunidade acadêmica e convidados para apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: *Literatura de cordel e motivação: a vida em Poesia que transforma de Bráulio Bessa*, de autoria da/o discente **ELMA DE SOUSA SANTOS**, do Curso de Licenciatura em Letras. Após a apresentação pela/o autora/o e as considerações feitas pela banca, esta se reuniu e deliberou pela aprovação do trabalho, atribuindo-lhe as seguintes notas:

Nota: 9,0 (nove pontos)

Professor (a): **MÔNICA GOMES DA SILVA**

Nota: 9,0 (nove pontos)

Professor (a): **TARCÍSIO FERNANDES CORDEIRO**

Nota: 9,0 (nove pontos)

Professor (a): **ANDRÉ LUIS MACHADO GALVÃO**

A/o discente **ELMA DE SOUSA SANTOS** foi **APROVADA/O** com a média 9,0 (nove pontos).

*Amargosa/ BA, 25 de maio de 2021*

**MÔNICA GOMES DA SILVA**  
Presidente da Banca de TCC



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA  
BAHIA  
SISTEMA INTEGRADO DE ADMINISTRAÇÃO

FOLHA DE ASSINATURAS

---

*Emitido em 25/05/2021*

ATA Nº 16/2021 - CFP (11.01.25)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

*(Assinado digitalmente em 25/05/2021 19:17)*

ANDRE LUIS MACHADO GALVAO  
ASSISTENTE EM ADMINISTRACAO  
1754539

*(Assinado digitalmente em 25/05/2021 19:45)*

TARCISIO FERNANDES CORDEIRO  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
1835542

*(Assinado digitalmente em 25/05/2021 18:34)*

MONICA GOMES DA SILVA  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
1018583

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sistemas.ufrb.edu.br/documentos/> informando seu número: 16, ano: 2021, tipo: ATA, data de emissão: 25/05/2021 e o código de verificação: 312f8cb8f6



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA – UFRB  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP  
COLEGIADO DO CURSO LICENCIATURA EM LETRAS  
CAMPUS AMARGOSA-BA

---

### DECLARAÇÃO DE ANUÊNCIA

Declaro anuência que todas as correções sugeridas pela banca da defesa, foram realizadas na cópia final impressa e digital do Trabalho de Conclusão de Curso do (a) discente Elma de Sousa Santos, intitulado Literatura de cordel e motivação: a vida em Poesia que transforma de Bráulio Bessa.

Amargosa, 14 de junho de 2021.

Mônica Gomes da Silva  
Profª Adjunta  
SIAPE 1018683  
CFP - UFRB